



MARCIA FERNANDES DA CUNHA

DIZ AÍ PESSOA DOCENTE: WEB SITE PARA PARTILHA DE ATIVIDADES
EDUCATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Belo Horizonte, 2021.

MARCIA FERNANDES DA CUNHA

**DIZ AÍ PESSOA DOCENTE: WEB SITE PARA PARTILHA DE ATIVIDADES
EDUCATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA**

**Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção
do grau de Mestrado Profissional em Educação, na linha
de pesquisa Educação em Museus e Divulgação Científica,
Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de
Educação.**

Orientador Professor Dr. Jezulino Lúcio Mendes Braga

BELO HORIZONTE, 2021.

C972d
T

Cunha, Marcia Fernandes da, 1972-

Diz aí pessoa docente [manuscrito] : web site para partilha de atividades educativas no ensino de história / Marcia Fernandes da Cunha. - Belo Horizonte, 2021.

66 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Jezulino Lúcio Mendes Braga.

Bibliografia: f. 65-66.

1. Educação -- Teses. 2. História -- Estudo e ensino -- Teses. 3. Professores de História -- Formação -- Teses. 4. Patrimônio histórico -- Estudo e ensino -- Teses. 5. Educação patrimonial -- Estudo e ensino -- Teses. 6. Projetos culturais -- Aspectos educacionais -- Teses.

I. Título. II. Braga, Jezulino Lúcio Mendes, 1977-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 930.07

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA MÁRCIA FERNANDES DA CUNHA

Realizou-se no dia 1º de dezembro de 2021, às 14:00 horas, por Videoconferência, a 295ª defesa de dissertação intitulada *O PROTAGONISMO DO DOCENTE DE HISTÓRIA EM PROJETOS CULTURAIS SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO SENSÍVEL E SENSIBILIDADES PARTILHADAS: PROJETO WEB SITE: "DIZ AÍ, PESSOA DOCENTE!"*, apresentada por MÁRCIA FERNANDES DA CUNHA, número de registro 2019653243, graduada no curso de HISTÓRIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof. Jezulino Lúcio Mendes Braga - Orientador (UFMG), Prof. Heli Sabino de Oliveira (UFMG), Profa. Vitória Azevedo da Fonseca (UFVJM), Profa. Cláudia Márcia Coutinho Dias (Municipal Secretário Humberto Almeida).

A Comissão considerou a dissertação:

- (X) Aprovada
 () Reprovada
 () Aprovada com indicações de correções

A Banca sugeriu e o candidato aceitou a mudança do título da dissertação para: _____

Riz ai pessoa docente: web site para partilha de atividades educativas no ensino de História.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.
Belo Horizonte, 01 de dezembro de 2021.

Jezulino Lúcio M Braga
Prof. Jezulino Lúcio Mendes Braga (Doutor)

Heli Sabino de Oliveira
Prof. Heli Sabino de Oliveira (Doutor)

Prof. Vitória Azevedo da Fonseca (Doutora)

Cláudia Márcia Coutinho Dias
Prof. Cláudia Márcia Coutinho Dias (Mestre)



AGRADECIMENTOS:

À minha mãe ausente, Neusa Bicalho, a quem devo toda minha formação humanista e sensível.

Ao meu orientador Jezulino Lúcio Braga, pela orientação, apoio, amizade e paciência durante todo o percurso.

À minha família e amigos, que sempre me apoiaram.

Aos meus colegas de curso, pela amizade, carinho e força durante esta jornada.

Ao amigo e colega de trabalho, professor Cláudio Lana, por ter me auxiliado no desenvolvimento do site.

Aos professores e professoras do Mestrado profissional, pelos ensinamentos, orientação e direcionamento quanto ao desenvolvimento do recurso educativo.

Ao programa de Mestrado Profissional da FAE/UFMG, por conceber a oportunidade de nós, professores e professoras, participarmos do processo de qualificação e desenvolvimento de habilidades relacionadas a prática educativa e ao mesmo tempo contribuirmos para o enriquecimento destas, no âmbito da Educação.

RESUMO

A proposta deste trabalho é a criação de um espaço virtual no formato web site, e tem como objetivo geral o compartilhamento de experiências protagonizadas por professores e professoras de História no que se refere às mediações em projetos culturais ou aulas passeios, de modo a contribuir com a divulgação de práticas diferenciadas e que estejam relacionadas com a Educação para o patrimônio. A importância dada ao protagonismo do (a) docente de História deve-se ao fato da disciplina estar diretamente ligada à formação cultural do sujeito aluno e ser capaz de promover o diálogo entre a arte/cultura e os fatos do passado/presente, de modo a associá-los a toda a dinâmica da existência humana, considerando aspectos políticos, sociais, culturais e humanistas. Os objetivos específicos estão em: aperfeiçoar ideias para novos projetos; utilização de percursos culturais mais próximos da realidade dos alunos; divulgação de trabalhos relacionados à Educação para o patrimônio protagonizado por docentes de História; intercambiar ideias com outros profissionais das redes de ensino e espaços de memória; fomentar o protagonismo do docente em História sob a perspectiva de uma educação sensível e partilhada; por fim, influenciar novas práticas de ensino relacionadas ao patrimônio para além dos muros da escola. Como referência para a fundamentação teórica utilizarei as autoras Carmem Zeli Vargas Gil e Caroline Pacievitch (2017), as quais tratam da questão do ensino de história e a educação para o patrimônio sob a perspectiva da formação docente; Jorge Larossa Bondía (2002) e Inez Teixeira (2007) quanto a Educação sensível e a experiência como meio de se alcançar o saber e como condição para o exercício da docência e aquisição do conhecimento. Além destes, Sandra Pesavento (2005), que trata do princípio fundamental da história como a busca pelo passado ou no que restou dele em qualquer forma, e que seja capaz de produzir percepções através da experiência. Por fim Jacques Rancière (2002) que trata da partilha do sensível sob a perspectiva da estética da arte como resultado da fusão da arte com a vida, o que neste trabalho refere-se espaço de memória e sua constituição, sob os aspectos políticos e sociais.

Palavras- chave: protagonismo - docência em história – educação - patrimônio – sensibilidade partilhada.

ABSTRACT

The purpose of this work is the creation of a virtual space in the web site format, and has as its general objective the sharing of experiences led by teachers and history teachers with regard to mediations in cultural projects or classes tours, in order to contribute to the dissemination of differentiated practices that are related to Education for heritage. The importance given to the protagonist of the history teacher is due to the fact that the discipline is directly linked to the cultural formation of the student subject and is capable of promoting the dialogue between art/culture and the facts of the past/present, in order to associate them with the entire dynamics of human existence, considering political and social aspects, cultural and humanist. The specific objectives are to: improve ideas for new projects; use of cultural path courses closer to the reality of students; dissemination of works related to Education for heritage led by history teachers; exchange ideas with other professionals of the educational networks and memory spaces; promote the protagonist of teachers in history from the perspective of a sensitive and shared education; finally, influence new teaching practices related to heritage beyond the walls of the school. As a reference for the theoretical foundation, I will use the authors Carmem Zeli Vargas Gil and Caroline Pacievitch (2017), which deal with the issue of history teaching and heritage education from the perspective of teacher education; Jorge Larossa Bondía (2002) and Inez Teixeira (2007) sensitive education and experience as a means of achieving knowledge and as a condition for teaching and knowledge acquisition. In addition to these, Sandra Pesavento (2005), who deals with the fundamental principle of history as the search for the past or what is left of it in any form and that is capable of producing perceptions through experience. Finally, Jacques Rancière (2002) who deals with the sharing of the sensitive from the perspective of the aesthetics of art as a result of the fusion of art with life, which in this work refers to memory space and its constitution, under the political and social aspects.

Keywords: protagonism - teaching in history - education - heritage - shared sensitivity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Projektor da sala de Cinema do Palácio da Liberdade	23
FIGURA 2	Fachada da entrada principal do Palácio da Liberdade	23
FIGURA 3	Gabinete do Governador – Local dos despachos	24
FIGURA 4	Retratos da Comissão Construtora	24
FIGURA 5	Emblema do Palácio da Liberdade, esculpido em pedra	24
FIGURA 6	Entrada principal do Palácio da Liberdade	25
FIGURA 7	Quadro e vaso ornamental	25
FIGURA 8	Lustre de uma das salas do Palácio	25
FIGURA 9	Visão panorâmica da Praça da Liberdade	26
FIGURA 10	Sala de cinema do Palácio da Liberdade	26
FIGURA 11	Jardim do Palácio	26
FIGURA 12	Coreto do Jardim do Palácio	27
FIGURA 13	Lustre de uma das salas do Palácio	27

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo I : Desafios para além dos muros da escola: o (a) professor (a) de História como protagonista em projetos culturais de visitas ao patrimônio histórico, sob a perspectiva de uma Educação Sensível:.....	18
Capítulo II: A docência em História e a educação para o patrimônio sob a perspectiva da partilha do sensível: O regime da estética na educação patrimonial.....	37
Capítulo III: O processo de construção do Recurso Educativo partindo da perspectiva de uma docente de História diante de programações culturais: o web site “Diz aí, pessoa docente!” – uma ferramenta para potencializar as relações sensíveis com o patrimônio.....	43
Capítulo IV :O recurso educativo WEB SITE: Diz aí pessoa docente.....	51
Capítulo V: Cronograma de Implantação e conteúdo do Recurso Educativo WEB SITE : Diz aí pessoa Docente.....	61
V.I – Cronograma de implantação	
V.II – Conteúdo	
V.III- Política de Privacidade do Web Site	
XIX – Outras considerações	
Considerações Finais.....	65
Referência Bibliográfica.....	67

*"Não é a altura, nem o peso,
nem os músculos que tornam uma pessoa grande
É a sua sensibilidade sem tamanho."*

Martha Medeiros

(1961)

Introdução:

Sou professora de história da rede pública Municipal de Belo Horizonte e Estadual de Minas Gerais. Assim como qualquer profissional da área, conheço os graves problemas enfrentados no exercício da docência neste país. Não pretendo enumerá-los ou citá-los uma vez que não é objetivo deste trabalho discorrer sobre propostas paliativas ou soluções a curto prazo. Mas pretendo contribuir com a divulgação de projetos e ações diferenciados e protagonizados por professores de História cuja prática docente esteja relacionada com a educação para o patrimônio e que tenham sido capazes de promover transformações significativas no processo de ensino-aprendizagem, ao utilizar-se de mecanismos específicos oferecidos pela rede em que atuam, convertendo-os em experiências sensíveis e enriquecedoras sob vários aspectos. Refiro-me especificamente neste caso às aulas passeio da Rede Municipal de Belo Horizonte, mas também a outras atividades extraclasses de outras redes, as quais possibilitam ao sujeito professor (a)/aluno(a) o contato direto com o patrimônio histórico cultural e espaços de memória de sua cidade ou do seu Estado, sob a perspectiva de uma Educação sensibilizadora e *partilhada*¹.

O objetivo de compartilhar estas experiências está na possibilidade de enriquecimento das didáticas aplicadas por esses docentes em visitas a espaços culturais e ao mesmo tempo, na contribuição com outros profissionais como, por exemplo, mediadores ou educadores de museus, quanto às possibilidades de uma educação sensibilizadora e mais próxima da realidade dos alunos das redes públicas.

Mas, pergunta-se:

- De que modo seria possível divulgar experiências marcantes e diferenciadas, de forma a alcançar o maior número possível de docentes de redes diferentes e realidades distintas?

¹Expressão que faz referência a perspectiva de Rancière (2005), expressa no livro de sua autoria "A partilha do sensível", a qual dará subsídio como fundamentação teórica para uma das reflexões propostas neste trabalho.

- Em quais aspectos essas visitas podem ser consideradas diferenciadas em relação a outras ao ponto de serem apontadas neste trabalho, como essenciais para divulgação e fomento entre os professores de História?

- Como o intercâmbio de ideias entre docentes de redes distintas, locais diversos e realidades diferentes poderá auxiliá-los a repensar suas práticas quanto a passeios culturais e mediações entre o sujeito e o patrimônio, para melhor aproveitamento dos recursos disponibilizados pelas redes de ensino, como as aulas passeio?

- Qual a importância de se conceber a perspectiva do protagonismo de professores e professoras de História nestas visitas, uma vez que muitos destes passeios são de iniciativa da PBH em acordo com as instituições culturais da cidade e estes espaços de memória já possuem mediadores ou educadores para o patrimônio? E por que especificamente, protagonismo docente de professores e professoras de História?

- E por fim, considerando o aspecto da educação bancária (FREIRE, 1968) que ainda prevalece na maioria das práticas do próprio sistema de ensino, como o docente de História poderá conceber novos projetos culturais, de maneira dialógica e reflexiva, protagonizando mediações, utilizando sua experiência e ainda sob a perspectiva de sensibilidades partilhadas em consonância à historicidade do local visitado, para deste modo incitar reflexões e questionamentos em seus alunos acerca de sua própria história e seu lugar na construção da sociedade a qual pertence?

Foram estas as questões que embasaram a proposta para o recurso educativo idealizado e exposto neste trabalho de Mestrado Profissional em Educação e Docência.

A proposta foi a de construir um web site no qual seja possível o compartilhamento de experiências oriundas das aulas passeio e também de outros projetos de iniciativa dos docentes da disciplina História. O objetivo é o intercâmbio das ideias que deram origem a esses projetos diferenciados, os quais tenham sido capazes de despertar o sujeito aluno para reflexões e deste modo, auxiliá-lo na conscientização do seu lugar no processo de construção da sociedade e da cidade em que habita, posicionando-se na história e memória cultural. Além disto, visitas que tenham promovido a compreensão da dinâmica da vida em sociedade, os valores e as submissões impostas, as hierarquias implícitas e explícitas, bem como as relações de poder que envolvem todo o processo de construção de uma sociedade.

E por que website? “website” (que significa web=rede, site=lugar), ou seja, um lugar na rede em plena era digital. Sabe-se das infinitas utilidades deste recurso para além de questões mercadológicas. No campo da educação, tornou-se ferramenta imprescindível no contexto da pandemia, a qual forçou milhares de pessoas no mundo todo à radicalização do distanciamento social, ou seja, ao isolamento social.²

²A expressão “radicalização do distanciamento social”, parte do pressuposto de que no mundo pós moderno, o distanciamento social já existia em virtude das segregações do espaço urbano e do advento das redes sociais, resultado da “Era da informação”.

Profissionais resistentes ao uso de tecnologias até então, se viram obrigados a adaptar-se ao contexto, para que pudessem dar continuidade ao trabalho exercido em sala de aula. Logo, o espaço digital é sem dúvida a ferramenta que poderá aperfeiçoar as trocas de ideias e o compartilhamento de experiências em projetos culturais, além de possibilitar a divulgação dos trabalhos em local específico, facilitando deste modo o intercâmbio com profissionais de outras redes, em outros lugares e até mesmo, com mediadores ou educadores que atuem em locais de memória e que se dispuserem a compreender melhor a realidade das salas de aulas para deste modo, produzir roteiros e mediações mais próximas da realidade do público escolar.

É fato que existem inúmeros recursos digitais com objetivos dos mais variados, para auxiliar o docente na prática educativa. Mas, este website como recurso educativo, como já dito, permitirá ao docente compartilhar, interagir, intercambiar ideias e propor novos projetos culturais, além de dar visibilidade a seu trabalho e influenciar outros professores a repensarem suas práticas e assim promoverem novas práticas de ensino relacionadas às visitas ao patrimônio histórico cultural, estimulando no sujeito aluno, experiências sensíveis para a construção do conhecimento.

Sobre o intercâmbio de ideias, ratifica-se que o sítio eletrônico será voltado para o público formado por docentes da disciplina História. No entanto, estará aberto para professores de outras disciplinas os quais se interessem em divulgar seus projetos que tenham sido concebidos sob a perspectiva que será apresentada no site. Deste modo, o web site proporcionará a oportunidade de interação entre os colaboradores, através da comutação de projetos culturais e adaptação destes para a comunidade em que atuam. No sítio eletrônico, haverá recursos diversificados, como locais para debates em modo de fórum de discussão, galeria de imagens e de vídeos, postagens de textos didáticos e reflexivos e outros espaços disponibilizados aos grupos de educadores que se dispuserem a utilizá-lo.

O site foi criado para plataforma livre, gratuita. Inicialmente, será administrado pela autora. Porém, poderá ser hospedado em outras plataformas compatíveis caso haja interesse por parte de alguma instituição educativa. A divulgação do site bem como a apresentação da proposta de trabalho nele imbuída, será feita pela autora às redes nas quais atua, com o objetivo de alcançar o maior número possível de profissionais da área.

O acesso ao sítio eletrônico por parte do público alvo (educadores) se dará através de modo livre, o qual será liberado para interação e utilização dos recursos. Haverá uma breve apresentação sobre o objetivo da plataforma, bem como artigos didáticos que tratem da importância da Educação sensível e sensibilidades partilhadas, como instrumentos capazes de gerar possibilidades de aprendizagem, além do compartilhamento de experiências e percepções acerca da interação do sujeito com o patrimônio histórico cultural.

Para expor seu trabalho e suas experiências, o professor ou professora deverá enviar o relato através do endereço eletrônico disponibilizado em formato de formulário no sítio eletrônico, e após revisão da autora e adequação ao formato de texto da

plataforma, será visível para outros colaboradores, os quais poderão interagir comentar e intercambiar ideias e solicitar o compartilhamento e aplicação dos projetos em outras comunidades escolares, preservando a autoria destes.

Haverá também sugestões de criação de percursos patrimoniais não convencionais, mas que possuam marcas históricas de grupos sociais não considerados nos processos de patrimonialização, os quais tenham sido suprimidos quanto a importância da memória histórica destes grupos e sua contribuição para a formação da sociedade.

Quando se refere a projetos diferenciados, viáveis para publicação, considera-se que a relevância está no uso do espaço cultural pelo professor ou professora, de modo criativo e sob a perspectiva da educação sensível. Sabe-se que por questões pragmáticas, as atividades extraclases acabam tornando-se experiências efêmeras, incapazes de provocar o estranhamento, a reflexão e o criticismo que deveriam no público docente e discente. Esta afirmação fundamenta-se em minha experiência como professora da disciplina História e nos relatos de outros professores que do mesmo modo, não conseguiram alcançar o objetivo estabelecido pela programação cultural e que muitas vezes são concebidos sem a participação ou o protagonismo docente, como afirma Menezes quanto a visitas em museus:

“Partimos de um problema comum a muitos museus, que diz respeito ao modo formatado como as visitas guiadas acontecem, como roteiros e tempos definidos, orientadas para a explicação da exposição e sem momentos de pausa para sentir, descobrir e imaginar”. (MENEZES, 2017, p.263)

No entanto, existem também experiências e conhecimento de projetos excepcionais, cujas ideias poderiam ser replicadas se adaptadas a outras realidades, contribuindo deste modo para a transformação de visões de mundo, até então cristalizadas em virtude do pragmatismo do sistema de ensino vigente no país.

Sobre as aulas passeio, por exemplo, é possível afirmar que muitos desses programas extraclases, acabam por obedecer a cronogramas pré-determinados, nos quais o tempo disponível para visita é limitado e conseqüentemente, inviabiliza uma mediação dialógica e reflexiva. Mas, esta afirmativa não é genérica, pois como já dito, existem visitas de aulas passeios, que da mesma forma programada, se tornaram diferenciadas, protagonizadas por educadores que apesar de não possuir formação ou qualificação para Educação patrimonial e ainda, diante de entraves como o tempo disponível, utilizam-se de suas experiências de vida e sensibilidades para promover a conexão entre o sujeito e o patrimônio visitado. Neste caso, a conexão em seu aspecto intuitivo, como afirma Menezes ao se referir à relação das pessoas com os objetos de memória dos museus:

(...) uma característica marcante da relação entre as pessoas e os museus têm a ver com a ideia de conexão, pois quando estamos no museu, não precisamos mais evocar para sentir.

Seres, tempos, espaços, culturas, mundos, vem a nosso encontro, ou somos remetidos até eles (...) (MENEZES, 2017, p.265).

Geralmente, tais visitas resultam em interações com relevante êxito, quando se considera a importância do patrimônio para reflexão e conscientização do sujeito quanto a seu lugar na memória cultural de sua cidade. Existem ainda outros projetos que não tratam especificamente da visita ao patrimônio histórico e cultural de aspecto institucional, mas do processo de construção sócio cultural dos sujeitos envolvidos, sob a perspectiva da Educação urbana³ e que, de mesmo modo, são significativos para a conscientização dos alunos quanto a seu lugar de direito à cidade em que habitam.

Ou seja, são projetos culturais protagonizadas por professores (a) de História, e que se apresentam como verdadeiros “oásis” no “deserto” da precarização da condição docente (TEIXEIRA, 2007). São aqueles com relatos de experiências que deveriam ser compartilhadas com outros professores (a) para que assim possam de fato alcançar a amplitude do sistema educacional.

O nome do site, “Diz aí, pessoa docente”, foi escolhido para ilustrar a ideia do protagonismo docente em relação à condução de projetos ou mediações culturais. Apesar de muitos destes serem disponibilizados e programados pelas redes e, além disto, os programas educativos de museus já contarem com mediadores nestes locais, a ideia é a de que o (a) educador (a) possa se interpor como mediador sob a perspectiva da Educação sensível e partilhada, ou seja, utilizar-se de suas experiências para suscitar sensibilidades que sejam capazes de identificar as realidades dos seus alunos em consonância com sua própria realidade, conhecimento e experiência de vida. Deste modo, poderá desenvolver novas leituras, novas visões e reflexões oriundas da relação entre sujeito e patrimônio visitado. Além disto, quando o docente toma para si o protagonismo das mediações, não subestimando ou diminuindo o trabalho do educador de museus, mas usando-se de suas experiências e sensibilidades para direcionar as ações durante o percurso a ser trabalhado, os resultados são ainda mais satisfatórios, pois o docente é quem determina o formato, as prioridades e as sensibilidades a serem trabalhadas com os (as) alunos (as). Afinal, quem conhece mais os (as) alunos (as) do que os (as) professores (as)?!

Publicitar estas experiências, referenciá-las para novos exercícios de mediações, poderá auxiliar o (a) educador (a) a aprofundar questões importantes que o (a) auxilie na construção do ser social e na formação de uma consciência mais próxima da sua realidade, o que fará frente a tanta informação abstrata, fundamentada no modelo clássico da cultura ocidental europeizada a qual estabelece separações entre o que considera superior ou inferior, numa espécie de hierarquia do conhecimento. Esta perspectiva, refere-se à

³ RIBEIRO FILHO, Geraldo Browne; PEREIRA DE DEUS, Maria Alba; SILVA, Maristela Siolari da; ALBRECHT, Clarissa Ferreira; SOARES, Josarlete Magalhães; BRAZ, Zoleni Lamim., Título - EDUCAÇÃO URBANA: CONSTRUINDO CIDADANIA E SOCIABILIDADE EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE MINAS GERAIS, BRASIL

possibilidade de o docente repensar suas práticas educativas e produzir novas práticas relacionadas a Educação patrimonial.

Importante ratificar que o protagonismo docente neste trabalho, refere-se especificamente a professores e professoras de História. Sabe-se que, a maioria dos passeios que envolvem circuitos culturais cujo patrimônio histórico monumental é priorizado como fonte de pesquisa e trabalho de campo, são os professores e professoras de História responsáveis por conduzir as visitas, pois se trata de uma disciplina cuja formatação curricular está diretamente ligada à formação cultural dos alunos. Obviamente, outras disciplinas trabalham o campo cultural, de forma específica a arte, por exemplo, mas é o campo da História capaz de promover o diálogo entre a arte/cultura e os fatos do passado/presente, de modo a compreendê-los, associá-los e contextualizá-los a toda dinâmica da existência e produção cultural humana.

No entanto, como já dito, em virtude da predominância do ensino tradicional conteudista e da visão igualmente clássica a respeito do conceito de patrimônio, muitas vezes os professores da área não conseguem alcançar o objetivo da visita, tanto por questões práticas já ressaltadas quanto em virtude da defasagem de conhecimento por parte destes em relação a outras perspectivas a respeito do conceito de patrimônio; como por exemplo, quando este se apresenta como elemento dialógico e reflexivo, capaz de conectar pessoas “aos seus fios de historicidade” (MENEZES, 2017), provocando identificação não no sentido de identidade, mas de compreensão de seu espaço e do grupo social ao qual pertence, gerando assim possibilidades de resignificação, como afirma Menezes (2017) ao citar um trecho da ementa do IPHAN, relacionado às práticas educativas:

(...) Em última análise, isso implica promover a compreensão de que o patrimônio é sempre algo coletivo: uma história compartilhada, um edifício, uma festa ou um lugar que muitos acham importante, ou outros elementos em torno dos quais, muitas pessoas de um mesmo grupo se identificam (...)
(MENEZES, 2017, p.154, apud IPHAN 2016:8)

Vale ressaltar, no entanto, que a defasagem de conhecimento a respeito das novas perspectivas sobre o conceito de patrimônio em relação aos docentes, são consequência de vários fatores que dificultam ao professor e professor a darem continuidade a estudos e pesquisas, além da atualização do conhecimento conceitual acadêmico.

Sabemos que não existe uma fórmula ou modelo a ser seguido para que professores e professoras possam se guiar de modo a alcançar a excelência do ensino-aprendizagem. Na prática docente, são vários entraves a começar pelos recursos disponibilizados que muitas vezes, não são suficientes para se alcançar resultados que o próprio sistema de ensino exige através das diretrizes e bases para a educação. Por este motivo, acredita-se que o compartilhamento de experiências entre docentes, o diálogo sobre essas ações, o intercâmbio de ideias entre os sujeitos envolvidos no universo da Educação, é essencial para o enriquecimento e aprimoramento destas práticas no sentido

de alcançar o objetivo principal da instituição escola: a formação integral do indivíduo, considerando os aspectos políticos, socioculturais e humanistas.

Retomando a questão do web site, não tenho pretensão de apresentar um recurso inédito ou inovador, uma vez que estamos em plena era digital e como já dito, são variados os recursos tecnológicos disponibilizados para professores e alunos, nos mais variados níveis de conhecimento e demandas. Mas a proposta deste trabalho está na questão da existência de um espaço que permita ao educador “respirar”, no sentido de pausar compromissos de trabalho e quebrar a rigidez das obrigações cotidianas, até mesmo relacionadas às relações sociais do dia a dia.

Neste espaço, além de divulgar seus trabalhos e ideias, o (a) professor (a) terá também a oportunidade de intercâmbio de experiências repletas de sensibilidades e poderá também ter contato com novos conceitos e perspectivas a respeito do patrimônio, sua função social, seu significado intrínseco em relação à história de grupos privilegiados e outros desfavorecidos, os ausentes e outras pontuações que passam despercebidas quando a fruição dos espaços se limita à mera contemplação dos circuitos culturais.

Ademais, o ofício de educar é um dos mais desafiadores dentre as profissões existentes. Apesar de aparentar ser mera transmissão de conhecimento mediada por um profissional qualificado, na realidade, envolve toda a complexidade da construção de um ser social. O educar está no olhar, nos gestos, no ouvir e falar, no sentir, muito além dos livros, do pincel e da escola. Logo, o educar é da ordem do humano.

Sendo assim, a contribuição para o ofício ao compartilhar experiências entre os pares, busca posicionar o docente e discente como o sujeito principal de experiências para que sejam capazes de sublevar sua posição de educador (aquele que sabe e transmite o que sabe) e aluno (aquele que recebe o saber) para a posição de ser humano, que sente, chora, ri, se angustia e utiliza-se de sua humanidade para humanizar o outro. O ser que através dos seus sentidos, de sua experiência de vida, do seu conhecimento e visão de mundo, seja capaz de sensibilizar o outro para que ele também seja capaz de construir novas visões de mundo, pois a experiência “(...) *é o que nos passa, nos acontece, o que nos toca, não o que se passa, o que acontece ou o que toca*”, (LAROSSA, p.21).

Ou seja, ao contrário das experiências efêmeras, que não são capazes de influenciar ou modificar visões de mundo, a experiência sensível ao ser compartilhada, poderá ser reproduzida em outros lugares, em outros sujeitos, com outras percepções, outros olhares. Esta é sem dúvida, uma maneira de aprofundar o conhecimento e tornar contínuas vivências oriundas das relações entre o sujeito e o patrimônio, entre a memória e a história, contribuindo deste modo para a construção do conhecimento solidificado a partir das reflexões, do criticismo, da consciência político-social e todos os aspectos necessários para a formação integral dos sujeitos.

Quanto às reflexões que serão pontuadas neste trabalho, se fundamentam na Educação para o patrimônio sob a perspectiva deste para além de sua temporalidade ou representatividade histórica, ou seja, em sua conexão com o presente/passado e sua

importância como espaço reflexivo e significativo para a construção de saberes. Fundamenta-se, sobretudo, em visitas protagonizadas por professores e professoras de História, estes atuando não como mediadores, mas como alguém que partilha do espaço comum de forma subjetiva a partir de sensibilidades partilhadas, resultantes do conhecimento empírico, mas também científico e filosófico, tanto em relação a si mesmo, como em relação aos alunos e ao mundo que o cerca. Pois se pressupõe que o docente de História está apto a conduzir as visitas a espaços culturais associados aos processos históricos que os constituíram, para além das estéticas arquitetônicas e artísticas dos patrimônios visitados.

Para fundamentar teoricamente a proposta deste trabalho, utilizei como referência as autoras Carmem Zeli Vargas Gil e Caroline Pacievitch (2017), as quais tratam da questão do ensino de história e a educação para o patrimônio, sob a perspectiva da formação docente. Quanto a Educação sensível e a experiência como meio de se alcançar o saber, utilizarei as reflexões de Jorge Larossa Bondía (2002) e Inez Teixeira (2007) os quais consideram a experiência e o saber sensível respectivamente, como condição para o exercício da docência e aquisição do conhecimento. Além destes, Sandra Pesavento (2005), que trata do princípio fundamental da história como a busca pelo passado ou no que restou dele em qualquer forma, e que seja capaz de produzir percepções através da experiência. Por fim Jacques Rancière (2002) que trata da partilha do sensível sob a perspectiva da estética da arte como resultado da fusão da arte com a vida, o que neste trabalho refere-se ao patrimônio cultural como constitutivo da política da estética a qual determina a forma como este se apresenta e para quem se apresenta, o que é visível e o que deve ser invisível, além dos princípios e interesses de determinados grupos sociais. Sob este aspecto, foi considerado também a Educação para o patrimônio como “obras de arte” sob a perspectiva freiriana, em diálogo com a forma de partilha do sensível por Rancière.

Para reforçar e subsidiar ainda mais as reflexões propostas utilizei também citações de outros autores que constarão na referência bibliográfica os quais possibilitaram desenvolver a proposta para este trabalho de mestrado, da linha Educação em Museus e Divulgação Científica, promovido pela FAE/UFMG, através do programa PROMESTRE.

Ninguém nasce feito, ninguém nasce marcado para ser isso ou aquilo. Pelo contrário, nos tornamos isso ou aquilo. Somos programados, mas, para aprender. A nossa inteligência se inventa e se promove no exercício social de nosso corpo consciente. Se constrói. Não é um dado que, em nós, seja um a priori da nossa história individual e social”. — Paulo Freire Política e educação: ensaios

Capítulo I

Desafios para além dos muros da escola: o (a) professor (a) de História como protagonista em projetos culturais de visitas ao patrimônio histórico, sob a perspectiva de uma Educação Sensível:

A rede Municipal de Belo Horizonte, possui um programa destinado à acessibilidade de alunos do ensino infantil, estudantes do ensino fundamental anos finais, alunos da EJA e da escola integrada, a circuitos culturais com os quais mantém parceria. O objetivo é o “*desenvolvimento de habilidades de articulação de ideias, apreciação estética e interpretação dos significados*”⁴, de acordo com a apresentação expressa do programa *Circuito de Museus*. Nesses circuitos, geralmente professores da disciplina História são chamados a escolher um dos nove espaços culturais disponíveis, justificando para tanto, a necessidade de visita e com quais turmas deseja trabalhar e o circuito correspondente. O programa se realiza através das “aulas passeio”⁵ que geralmente são programadas em acordo com a gestão da escola, a qual disponibiliza o transporte, lanche e toda a logística para a execução da programação.

É uma iniciativa relevante, levando em consideração a precarização crescente da Educação, principalmente quando se trata da oferta de programas culturais por parte das redes de ensino. No entanto, baseado em relatos de professores e professoras da rede e a partir da própria experiência como professora de História, é notório o pragmatismo que envolve tais visitas, uma vez que são feitas em horários predeterminados pelas equipes de educadores de museus e geralmente, o tempo disponibilizado é muito curto para se empreender uma visita completa, prejudicando deste modo o objetivo proposto pelo projeto. Este pragmatismo se deve a vários fatores, mas pode-se citar o fato de que várias outras escolas também participam deste programa e o tempo de visita não pode ser livre, pois deste modo, comprometeria o espaço que estaria indisponível para outros públicos, dada a logística necessária para atendimento às turmas escolares.

Sendo assim, apesar de ser uma iniciativa significativa para o enriquecimento cultural dos alunos da rede, ocorre que em virtude da referida praticidade das visitas, a maioria delas acabam por tornarem-se experiências efêmeras, e muitas vezes incapazes

⁴Trecho retirado do texto de apresentação do programa Circuito de Museus da Prefeitura de Belo Horizonte, disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/circuito-de-museus>

⁵O Projeto Aulas- Passeio é uma ação da Diretoria da Educação Integral, direcionado aos estudantes do Programa Escola Integrada, e consiste na promoção de visitas a espaços culturais, esportivos, recreativos, áreas de preservação ambiental, instituições científicas e militares, contribuindo para a apropriação da cidade, (...) 18/11/2020, disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/projeto-aulaspasseio#:~:text=O%20Projeto%20Aulas%2D%20Passeio%20%C3%A9,para%20a%20apropria%C3%A7%C3%A3o%20da%20cidade%2C>

de estabelecer vínculos ou relações do sujeito com o patrimônio visitado, o que acaba tornando a aula passeio, apenas um passeio em seu sentido literal. Este é um desafio para professores de História, os quais necessitam buscar formas de superar essas tendências e de algum modo, mesmo diante de obstáculos dos mais variados, tornar esses passeios culturais em um instrumento reflexivo e dialógico entre os sujeitos envolvidos e o patrimônio/circuito visitado. Mas, como o (a) professor (a) de história na posição de protagonista da visitação, poderá reverter a dinâmica destas visitasões?

Para discorrer sobre os desafios dos (as) professores (as) de História, usarei como ponto de partida, as ideias contidas nas propostas expressas nas ementas de cursos de extensão para especialização da docência em história e neste caso, sob a perspectiva a qual:

(...) procura incentivar futuros professores de História a desenvolver ações educativas na disciplina, para o público escolar, em instituições de memória espalhadas pelo município. Seu próprio desenho no currículo é uma primeira ruptura: o reconhecimento de que se ensina e se aprende história formalmente, para além das paredes da sala de aula. (GIL e PACIEVITCH, 2017, p.135)

E ainda:

O exercício de pensar a docência do lado de fora da escola desafia as perspectivas tradicionais e ajuda a construir novas ideias que poderiam perfeitamente renovar o ensino dentro da escola. (GIL e PACIEVITCH, 2017, p.135)

Ou seja, apesar dos impedimentos impostos por uma educação bancária, (FREIRE, 1968), e que estigmatiza o processo de aprendizagem ao forçar indiretamente a adesão dos professores e professoras à inapetência e apatia diante de tantos obstáculos oriundos de questões pragmáticas, a docência em História é capaz de possibilitar a ruptura de práticas tradicionais quando tem a oportunidade de utilizar o espaço fora da escola, longe dos livros didáticos, para reflexões acerca do presente, passado e futuro, como afirma ainda Gil e Pacievicht :

É tarefa do ensino dessa matéria questionar e problematizar essas relações entre o presente, passado e futuro. Isso pode ser feito, como visto nos documentos acima, a partir do patrimônio cultural, principalmente ao olhá-lo como documento-monumento, isto é, analisando-o não como um dado, mas como uma construção. Assim, nosso convite aos estudantes-futuros professores da disciplina não é de desenvolver estratégias de “mostrar” o patrimônio aos jovens, mas de utilizá-lo para aprender a questionar a própria constituição de cada patrimônio como tal e, a partir daí, construir vínculos, valorizar a diversidade e defender a emergência de memórias excluídas. (GIL e PACIEVITCH, 2017, p.136)

Para ilustrar a importância de iniciativas por parte do docente em História em relação a mudanças nas práticas tradicionais de visitação ao patrimônio cultural empreendida através das aulas passeio, abaixo há a transcrição em forma de relato de uma experiência vivida em uma visitação ao Palácio da Liberdade em Belo Horizonte, da qual participaram alunos do 9º do ensino fundamental da rede Municipal de Belo Horizonte.

Como professora das turmas, foi possível protagonizar as experiências advindas da fruição daquele espaço, as quais serão transmitidas através deste relato, uma vez que o programa ofereceu um diferencial em relação a outros projetos culturais: a visitação prévia do espaço pelo (a) educador (a). Antes da programação com os alunos, foi possível participar de dois encontros que culminaram na visitação do patrimônio, permitindo deste modo a fruição e o despertar de sensibilidades na docente, partindo de experiências oriundas de suas vivências e de sua própria memória histórica.

Vale ressaltar que a visitação em questão, foi promovida pelo programa de Iniciativa do IEPHA/MG⁶ em parceria com APPA – Arte e Cultura⁷, denominado Receptivo e Educativo da Visitação Pública, realizado no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte. Segundo a presidente do IEPHA-MG, Michele Arroyo, “*este é um projeto piloto que buscou, além da reabertura do espaço para a comunidade, preparar o professor para se envolver na visita como protagonista e propositor de reflexões.*”⁸.

Segue o relato:

“Ao descermos do ônibus da excursão, de imediato mediadores extremamente educados e preparados, nos conduziram a uma espécie de tenda, alocada nos jardins. Fizeram uma exposição rápida dos atrativos, além de demonstrar o estilo arquitetônico e a origem das ideias que definiram os contornos das construções. A partir de então, os mediadores deram-me total autonomia na condução da visitação, o que até então era novidade nos passeios culturais promovidos pelas redes de ensino. Mas, mesmo conferindo-me esta autonomia, havia uma mediadora para dar apoio e responder questionamentos específicos que fuissem ao meu conhecimento prévio.

Em continuidade à visitação, adentramos os jardins do palácio e foi possível perceber os olhares perplexos diante de tanta beleza, organização e limpeza. Os alunos, um pouco tímidos e desconfiados em virtude da guarita da Polícia Militar já na entrada, se colocaram a observar atentamente a suntuosidade das construções. Era possível ouvir expressões como “nossa...”, “meu deus que lindo!”, “pra que isso tudo?”, “olha o jardim...!”. Atenta na medida do possível a tais expressões, iniciamos a visitação pela sala de cinema. Nela, após a acomodação dos alunos, foi passado um vídeo no qual

⁶IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio História e Artístico de Minas Gerais é uma fundação sem fins lucrativos, em parceria com o Estado de Minas Gerais.

⁷APPA – Arte e Cultura Popular é uma Associação Cultural de Belo Horizonte, sem fins lucrativos, com objetivo de promover o desenvolvimento cultural e socioeconômico das comunidades locais.

⁸Informação retirada do site <http://www.cultura.mg.gov.br/component/gmg/story/5128-encontro-no-palacio-da-liberdade-sensibiliza-educadores-para-a-relevancia-do-patrimonio-cultural-na-formacao-humana>, de 22 de março de 2019.

relatava à fundação da cidade de Belo Horizonte, a escolha do espaço para a construção do palácio, os panoramas das paisagens, as tendências arquitetônicas, os atores envolvidos nas construções (a “comissão construtora”) e uma série de outras informações que tratavam da ocupação do monumento por políticos. Além disto, comentaram rapidamente sobre as manifestações históricas que levaram grande público à Praça da Liberdade, como o ato contra o nazismo durante a Segunda Guerra Mundial.

Em um breve momento e sem grande relevância, também foi dito a respeito da ocupação da sociedade periférica (neste caso, considerando o conceito relacional de periferia⁹) durante as feiras denominadas “feiras Hippie”, surgidas no final da década de 1960¹⁰. A reação dos alunos foi de apatia em quase maioria deles. Olhavam os vídeos e não esboçavam interesse.

Foi então que iniciamos o percurso do lado de fora do palácio. Passei a refletir e então decidi empreender uma abordagem mais humanista e a mais próxima da realidade daqueles alunos. De imediato, abordei a questão da ocupação. Pedi que alunos observassem à sua volta, identificassem ali alguma possibilidade de desmoronamento ou inundações, tão reais na vida de grande parte dessas pessoas.

Após alguns segundos, sugeri que refletissem sobre a escolha daquele local para construir o Palácio. Imediatamente, uma das alunas respondeu que “ali, só moraria gente rica”. Outro aluno emendou a frase: “e branca”. Todos riram, com um resquício de desapontamento.

Informei-lhes a respeito da possibilidade da ter existido um quilombo no local e como consequência da construção, o governo da época promoveu o deslocamento daquelas pessoas quilombolas para algum lugar que não está registrado no acervo do Palácio. Informei-lhes que ali não haveria a informação do destino delas. Exceto a respeito de uma mulher que se tornou uma “lenda urbana”, a Maria Papuda. Informei que esta mulher foi uma “pedra no sapato” da comissão construtora, pois se negava a sair de sua casa para dar lugar à construção do Palácio. E na época, esta mulher havia rogado uma “praga” a quem ocupasse o Palácio. Segundo ela, todos os governantes que ali residissem, morreriam ali dentro! Conteí que coincidentemente, dois deles realmente morreram! Ficaram atentos e curiosos sobre o destino da mulher e a veracidade da informação. Sugeri que pesquisássemos quando retornássemos à escola, mas que antes, pensássemos o quanto é recorrente o deslocamento de pessoas pobres, para dar lugar a

⁹OLIVEIRA, OLIVEIRA, Ensaios Filosóficos, Volume XIX – Julho/2019. Neste periódico, os professores Heli Sabino e Elaine Ferreira, discorrem entre outros temas afins, sobre a “pedagogia da periferia”, fundamentados no conceito relacional da palavra, o qual designa como estigma a identidade periférica.

¹⁰Feira Hippie foi uma denominação dada à feirinha idealizada por artistas mineiros que ocorria na Praça da Liberdade, a qual iniciou suas atividades em 1969. Vários artistas de inúmeras regiões de Minas, expunham e vendiam seus trabalhos nesta feira, o que levou a Prefeitura de Belo Horizonte, a reconhecê-la oficialmente, em 1973, sendo denominada como “Feira de Arte e Artesanato e Produtores Variedades de Belo Horizonte. Posteriormente foi transferida para à Av. Afonso Pena, para preservação do patrimônio da Praça da Liberdade, ocorrendo sempre aos domingos. Foi considerada a maior feira de artesanato a céu aberto, na América Latina. (www.feirahippie.com), fevereiro de 2019)

grandes empreendimentos. Que pensassem nas ações ajuizadas para desocupação de imóveis, despejos, retomada de terras improdutivas ocupadas por movimentos dos sem-terra e outras situações que ocorrem indiscriminadamente, sem que haja verdadeira preocupação com os sujeitos afetados.

Ao entrarmos no prédio, vislumbraram duas antessalas decoradas em estilo europeu, com lustres e mobílias notadamente caras, principalmente para o contexto em que foram adquiridas. Ao perceber o interesse deles em relação aos objetos, perguntei se eles tinham alguma ideia da origem dos recursos usados na compra daqueles artefatos. Ficaram em silêncio até que outro aluno respondeu com outra pergunta: “do nosso bolso, professora?”.

Sugeri que refletissem sobre o assunto. Que se aprofundassem naquela expressão dita, pois há muito mais complexidade em relação ao dinheiro público envolvido nestas construções, do que simplesmente a identificação dos impostos como subsídio para arcar com tanto luxo. A partir de então, solicitei a mediadora de apoio que explicasse de onde vieram a escadaria do palácio, o lustre, as obras de arte, os tapetes, os adornos em geral. Ela respondia um pouco receosa, pois percebeu o impacto causado naqueles alunos a respeito do uso do dinheiro público e os privilégios que este mantém a um grupo específico da sociedade.

Com o objetivo de tratar a questão da importância da preservação e respeito ao patrimônio público, sugeri que refletissem sobre as condições do prédio, se estava bem conservado. Muitos disseram que sim, outros disseram que “tinha cheiro de coisa velha”, outra alegou que “se eu vender esse lustre compro uma casa nova pra minha mãe” e alguns se calaram, apenas observavam.

Na sala de jantar, uma das partes mais belas do palácio, sugeri que se imaginassem sentados àquela mesa, a convite do governador, para tratar de assuntos relacionados a questões sociais, de infraestrutura e demandas diversas que permeiam a vida dos trabalhadores e da sociedade de modo geral, mas que são tratadas entre seus representantes eleitos. A reação foi de muita gargalhada e brincadeiras. Diziam entre outras coisas, que jamais se veriam ali, pois são pobres e ali era destinado a pessoas brancas e ricas. Passaram a observar as obras de arte que também retratavam pessoas brancas, de artistas europeus. Foi quando uma das alunas, perguntou se em um dos quadros, “aquela mulher branca em que o homem negro se debruça em agradecimento, era a princesa Isabel”. Respondi que sim. Todos ficaram em silêncio observando o quadro.

Ao final da visitação, já na saída do Palácio, há um quadro em preto e branco, colocado à direita e abaixo do nível da escadaria. Paramos diante dele. A mediadora disse que aquele quadro retratava a construção do palácio. Pedi para que os alunos identificassem nele, a comissão construtora, composta pelos engenheiros renomados e que inclusive, cederam seus nomes às principais avenidas da cidade. Não os encontraram. Identificaram apenas trabalhadores braçais, negros, moribundos,

carregando pedras, mas nenhum deles tinha um nome. Perceberam que nenhum deles havia sido representado durante a visitação.

Por fim, após o tão esperando lanche, voltamos para a escola. Falamos sobre ausências, sobre privilégios, sobre ocupações, sobre o uso do dinheiro público para a manutenção desses privilégios, falamos de inundações, de buracos, de falta de moradia, de espaços irregulares, de falta de água e esgoto. Tentamos descobrir o destino dos moradores do quilombo e da famosa “Maria Papuda”, mas sem sucesso. Falamos de pessoas invisíveis. De política de governos e suas formas de governar e para quem governam. Encerramos o trabalho com a produção de um texto, no qual os alunos deveriam falar sobre o seu lugar na história de Belo Horizonte. O resultado foi impressionante. Não encontraram o seu lugar. Estavam ausentes.”

Imagens do acervo pessoal:

Figura 1 – Sala de Cinema – Acervo Pessoal



Figura 2 – Entrada Lateral do Palácio – Acervo Pessoal



Figura 3 – Sala do Governador – Acervo Pessoal



Figura 4 – Retratos da Comissão Construtora – Acervo Pessoal



Figura 5 – Emblema do Estado – Acervo Pessoal



Figura 6 – Fachada do Palácio – Acervo Pessoal



Figura 7 – Quadro Decorativo Saguão de saída – Acervo Pessoal



Figura 8 – Lustre – Acervo Pessoal



Figura 9 – Entrada principal do Palácio – Acervo Pessoal



Figura 10 – Sala de Cinema – Acervo Pessoal



Figura 11 – jardins do Palácio – Acervo Pessoal

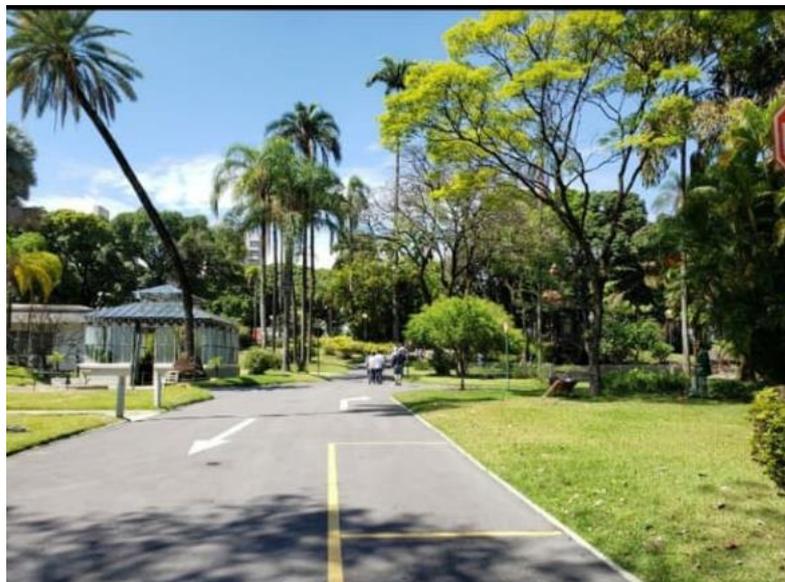


Figura 12 – Coreto

Acervo Pessoal

Figura 13 sala de estar



Este relato é exemplo de um dos objetivos a que se propõe este trabalho. A experiência sensível oriunda da relação entre sujeito e patrimônio é relevante em todos os seus aspectos. Desde a visitação prévia do espaço pela professora de História, aos personagens e interações ocorridas durante o percurso, até a conclusão dos trabalhos pelos alunos. É importante sobretudo, pelo resultado das sensibilidades que envolveram cada um dos participantes durante a realização do circuito planejado e que ocorreram de forma espontânea, provocada por questões que não estavam aparentes nos objetos, mas implícitas em sua constituição.

É também possível perceber, que foram essas sensibilidades emergentes durante o processo de fruição, que deram o tom à visitação. O que poderia ter sido mais uma mediação clássica, com intervenções práticas, transformou-se em uma oportunidade de reflexão a respeito da participação registrada e aquela omitida sobre os sujeitos que fizeram parte do processo de construção do Palácio, o maior símbolo político da Cidade em que habitam. Além disto, foi possível rearticular a estratégia da visitação a qual inicialmente, pautava-se na apreciação estética e interpretação de seus significados, como consta na própria ementa do projeto de visitação. Esta rearticulação se deu de maneira espontânea, a partir da percepção da docente de que a mera contemplação não seria suficiente para estabelecer a conexão do patrimônio com a realidade e experiência de vida dos sujeitos participantes da visitação.

Mas como foi possível transformar um passeio, com tempo limitado ao percurso preestabelecido pelo programa em virtude do cronograma escolar, em um diálogo sensível entre os sujeitos e os objetos? Ou seja, como ocorreu a inversão da mediação positivista, de mera contemplação, para uma mediação sensibilizadora, carregada de visões de mundo tão distintas daquelas apresentadas na sala de cinema? E por fim, o que transformou alunos, antes apáticos e desinteressados, em sujeitos inquiridores, críticos e atentos às representações sociais contidas naquela nova narrativa histórica?

Como já dito, não existe uma fórmula mágica ou um cronograma a ser seguido. O que ocorreu na visitação foi o encontro da experiência com os sentidos, da racionalidade

com a sensibilidade, do conhecimento cognitivo com o “lugar de fala”¹¹ resultante das experiências de vida dos sujeitos envolvidos e sua relação com o patrimônio. Sob este aspecto, há uma constante interação entre os saberes adquiridos como explicações da realidade para que compreendamos a dinâmica das construções sociais e as emoções que as experiências vividas provocam. Estas emoções, independentes do conhecimento inteligível, de regras morais ou sociais, vão muito além das explicações da realidade, ao passo que se transformam em representações subjetivadas em cada ser, através das emoções/memória de um tempo ou experiência vivida. Um local, um objeto, uma música, um aroma, uma imagem, um prédio, enfim, todo o constitutivo de um patrimônio, podem agir como dispositivos de sensações oriundas de experiências vividas inerentes às condições da vida dos sujeitos em um determinado tempo:

“a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos. (PESAVENTO, 2004)

Em outras palavras, o patrimônio como elemento problematizador, é produção humana. E toda a materialidade da produção humana é carregada de sentidos, inferências, tendências ou ideologias, as quais se expressam através da estética, mas também através da intencionalidade da criação. Sob este aspecto, o conceito de patrimônio não pode se limitar a seu valor semântico, já que muitas vezes, é resultado de construções históricas e sendo história movimento, o conceito se transforma, em “contínua mudança ou aperfeiçoamento” (SANTOS, 2003, p.22).

Em relação a sensibilidades, consideram-se todos os aspectos que compõem o ser sensível. Todos nós somos dotados de sensibilidades, independente se estas são manifestas ou reprimidas. A intuição, a percepção e emoção, “*são indissociáveis da mente*” (DUARTE, 2007). A mente identificou os objetos e a percepção da suntuosidade do espaço suscitou emoções que no caso do relato, manifestaram-se como desconforto e constrangimento diante de tanto luxo. Constrangimento este, pela história de vida dos sujeitos que naquele momento, perceberam o abismo entre sua realidade e a realidade que lhes fora apresentada daqueles que transitavam naquele prédio. Um lugar reservado para “pessoas brancas e ricas”, tão diferentes deles. Ou seja, ocorreu uma espécie de conexão entre o sujeito e o objeto, através de “deslocamentos sensoriais”, como afirma Menezes (2017):

(...) deslocamentos sensoriais que nos possibilitam a sintonização com algo, alguém, alguma situação, tempo ou

¹¹“O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”. Ribeiro, Dijamila (2017).

lugar. Percebemo-las como leves impressões para além do cognitivo. No entanto, se a coisa conectada é por nós interpretada como agradável, se é indiferente ou nos causa repulsa, adentramos o domínio da criação de sentidos. (...) (MENEZES, 2017, p.266).

A percepção do *seu lugar* na história da cidade, tanto da professora quanto dos alunos, foi capaz de contrapor à narrativa posta e construir conhecimento e uma nova visão de mundo, a partir das sensibilidades manifestas. Conhecimento este, que de acordo com Ostrower:

[...] que é um apreender o mundo externo junto com o mundo interno, e ainda envolve, concomitantemente, um interpretar aquilo que está sendo apreendido. Tudo se passa ao mesmo tempo. Assim, no que se percebe, se interpreta; no que se apreende, se compreende. Essa compreensão não precisa necessariamente ocorrer de modo intelectual, mas deixa sempre um lastro dentro da nossa experiência. (OSTROWER, 1986, p. 57, apud DUARTE, 2007, p.119)

É importante ressaltar também que a professora, ao contrário da lógica do pedagogo embrutecedor¹², o qual “*não potencializa o exercício das inteligências envolvidas, mas apenas repetem certezas que encerram em si*” (RANCIÈRE, 2002), foi capaz de incitar reflexões que culminaram em interpretações subjetivas, resultantes do confronto entre o que se vê e o que se viu; o que se sente e o que já sentiu; o que se sabe e o que se aprende; em relação a um determinado objeto ou circunstância. Ou seja, interpretações subjetivas por não haver uniformidades ou interpretação única e sim reflexões e atribuições de sentidos resultantes de múltiplas experiências imbricadas ao conhecimento ou saber teórico.

Foi também através das reflexões propostas pela professora, que os discentes se posicionaram diante da história de construção da cidade em que moram. Ao buscar respostas às perguntas sobre o local utilizado para a edificação do Palácio, identificaram a posição de desfavorecimento em contraponto a privilégios os quais são prioridade para governos quando o assunto é política e governabilidade. E ali naquele espaço suntuoso, cheio de história e poesia transmitida por vídeos através da mediação inicial de aspecto positivista, em resposta à intervenção mediadora e de aspecto sensível e humanista empreendida pela professora, foram capazes de encontrar a realidade subjacente, humanizadora e concreta. As reflexões propostas foram capazes de construir uma nova visão sobre o patrimônio visitado, pois foram capazes de “*(...) questionar a própria constituição de cada patrimônio como tal e a partir daí, construir vínculos, valorizar a diversidade e defender a emergência de memórias excluídas (...)*” (GIL e PACIEVITHC, 2017, p.136).

¹²Pedagogo embrutecedor, é um termo cunhado por Jaques Rancière, para designar o (a) professor (a) que se utiliza da transmissão direta e fiel de algo que já está estabelecido e que deve ser repassado para outro. (OLIVEIRA e ANJOS, 2017, p.201, apud RANCIERE, 2002).

Em outras palavras, a relação estabelecida entre o sujeito e o objeto ultrapassou os limites da contemplação do que é belo para a reflexão do que é sublime, segundo a teoria kantiana, (KANT, 1995, P.96). Muito além das harmonias e formas dos objetos, os sujeitos empreenderam uma experiência sensível daquele espaço que possui intensa representatividade política e expressa ao mesmo tempo grande parte da dinâmica da administração do erário público e suas prioridades, o que lhes proporcionou refletir sobre questões implícitas em cada objeto, cada quadro, cada parede, culminando na descoberta da ausência de si e dos que protagonizaram a maior parte daquelas construções: os trabalhadores “sem nome”, “sem história”, “sem registro”. Pessoas que morreram durante a construção, por acidente, doença ou fome. Pessoas que existiram e que construíram o prédio, mas que não havia menção alguma a seu respeito, ou sobre o destino de quem habitava o local antes da apropriação do espaço pelo governo, para a construção do Palácio. Ausência de si mesmo, ao não ser possível se imaginar sentado à mesa de jantar com pessoas brancas e ricas, interpelando o governador sobre suas demandas. Tais reflexões só foram possíveis, a partir do diálogo estabelecido entre o sujeito e os objetos de memória, como afirma Costa ao se referir ao mundo dos objetos “*autático, fetichista, documental, estético e detonador de sentidos*” (COSTA, 2017, p.117):

“(…) podemos dialogar com um leque de uma viscondessa, pertencente a uma classe social e a um tempo distantes de nós. Podemos dialogar com um gravador próximo temporalmente, mas distante das funções habitualmente compartilhadas por nós (...) o que importa igualmente é pensar os dois objetos como portadores de memória, ressignificados pelo olhar, pela mediação, pela poesia e pela política.”

Outro aspecto relevante durante a visitação foi a relação estabelecida entre a docente e os discentes, já que foi possível observar a empatia como instrumento norteador das reflexões. A condição humana a qual antecede a condição de ambos, (TEIXEIRA, 2007), estabeleceu um vínculo de identificação sociocultural a ponto de reflexionarem juntos e proporem novas narrativas àquela visitação. O conjunto das relações docente/discente e do sujeito/objeto, sob a perspectiva da alteridade e da perspectiva kantiana do que é sublime, nesta ordem, resultou na construção do conhecimento e saberes para além do propósito pragmático da visitação, conhecimento este como afirma Teixeira:

Conhecimento e saberes apresentados e interrogados não como algo acabado e natural, mas dinâmico. Historicamente construídos pelo trabalho e agenciamentos de longas cadeias de grupos e gerações humanas no jogo das forças e conflitos e tensões sociais. (TEIXEIRA, 2007, p.431)

Deste modo, as ausências percebidas enquanto visitante e mediada por uma educação sensibilizadora, reforçou a necessidade de se refletir sobre a dinâmica das visitações ao patrimônio histórico cultural, pois infelizmente, ainda prevalece o modelo pragmático das mediações, pois como já dito, o foco está no tempo de percurso em

contrapartida ao tempo disponível para visitas, além do objetivo ser o da articulação de ideias resultante da *apreciação estética e interpretação de significados*¹³.

Ademais, é importante ressaltar que o diferencial do Programa de visitação descrito, o qual ofereceu o curso de mediação para professores antes da visitação destes com os alunos, possibilitou a docente tornar-se protagonista da experiência ao ter contato antecipado com o planejamento da programação do circuito, identificando apontamentos e questões a serem abordadas. Isto foi essencial para se criar o aspecto de visitação humanista, ao considerar as realidades dos alunos e partindo da empatia como pressuposto para esta mediação. Mas muito mais que isso, a fez reflexionar sobre a história contada, suscitando uma série de sentimentos relacionados a poder e submissão, criando novas percepções de mundo ao interagir com os objetos, discursos e imagens. Foi possível também ressignificar o patrimônio, considerando o contexto e a construção social dos sujeitos envolvidos e que estariam em contato com aquele local, através da aula passeio.

Isto é Educação sensível. O sensível neste aspecto, considerando a Educação para o patrimônio como “obra de arte”, (FREIRE, 2000). Segundo Paulo Freire, a educação é um ato político e um ato estético (FREIRE, SHOR, 1986, p.146). Político por ser prerrogativa do humano e por se constituir do diálogo, da discussão, da deliberação, do consenso, do contrassenso, de acordos, enfim, de relações que se estabelecem e de algum modo culminam na divisão do espaço comum de forma organizada. E estético não no sentido de belo, mas no sentido da arte que se cria e recria, faz e refaz, constrói e reconstrói, aprende e reaprende e que neste trabalho refere-se à relação entre o docente e o discente e ambos com o objeto/patrimônio: “*uma obra de arte. É nesse sentido que o educador é também artista: ele refaz o mundo, ele redesenha o mundo, ele pinta o mundo, recanta o mundo, redança o mundo.*” (FREIRE, 2000). Sob esta perspectiva, o docente é capaz de “*refazer, redesenhar, repintar, recantar e redançar*” percursos, patrimônios, objetos de arte, espaços de memórias e suas narrativas clássicas à medida que estas se impõem como referências culturais “oficiais” ou institucionalizadas nas visitas concebidas por projetos culturais das redes.

O professor e professora de História, tomando para si o protagonismo da visitação, devem ser capazes de reconstruir narrativas que carreguem consigo informações muito além da estética e da história contada. Deve, sobretudo, dominar o conhecimento sensível/implícito em contraponto ao conhecimento lógico/evidente (RANCIÈRE, 2002). Ou seja, a *arte* freiriana em forma de Educar Sensível, produzindo conhecimento sensível, capaz de gerar conexões com o patrimônio artístico e cultural, suscitando reflexões, despertando sentidos, enxergando o “invisível”, para então ser capaz de criar e recriar possibilidades para que o sujeito possa encontrar o seu lugar ou o seu “não lugar¹⁴” na

¹³Expressão constante na ementa das programações culturais do “Circuito de Museus”, em parceria com a PBH.

¹⁴“A definição de “não lugar” é um conceito proposto por Marc Augé, antropólogo francês, para designar um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade, ou seja, todo e qualquer espaço que sirva apenas como espaço de transição e com o qual não criemos qualquer tipo de relação”, disponível

história, como afirma Menezes ao referir-se ao fortuito como aspecto imprescindível nas relações dos sujeitos com os objetos de memória:

(...) Essa relação está povoada pelo elemento fortuito, que escapa ao protocolo museal. O fortuito está presente nas conexões singulares estabelecidas pelos visitantes; na criação de significados, a partir de suas experiências sociais e históricas e na potencialização dos sentidos, suscitada pela mediação educativa. (MENEZES, 2017, p. 263).

Mas, como se tornar protagonista em uma visitação? Como tornar-se protagonista em um sistema de ensino tradicional, linear e estático? Como colocar-se em movimento, romper padrões e criar perspectivas para a prática docente?

Como já dito, o protagonismo docente dos professores e professoras de História, torna-se essencial para uma mediação dialógica e reflexiva da forma a que se propõe. A palavra protagonismo, deriva do grego “protagonistes”, onde “protos” significa “principal” ou “primeiro” e “gonistes” significa lutador. O significado literal em português retrata o personagem principal de uma demonstração ou representação. No entanto, muito além deste conceito, o (a) educador (a) protagonista na perspectiva de uma educação sensível, deve se constituir como parte sensível de experiências advindas de atividades extraclasse em passeios culturais promovidos pelas redes, o que significa, sobretudo, tornar evidentes as sensibilidades do docente/discente, ambas suprimidas pelo ofício de mestre, tutor e mediador do conhecimento e do outro como mero espectador do processo ensino aprendizagem, respectivamente.

Além disto, o protagonismo docente a que se refere a perspectiva apresentada neste trabalho, está em ser capaz de compreender toda a dinâmica que implicitamente reduz a participação de grupos sociais menos favorecidos, na construção da história e da memória cultural. Deve ser capaz de identificar ausências advindas das relações de poder e submissão que constituem o jogo da sobrevivência humana. Esta capacidade se manifesta através do conhecimento, associado à vivência ou experiência de vida. Não basta ter conhecimento oriundo de informações acumuladas. Não basta analisar monumentos contextualizando-os nos seu tempo, sem estabelecer conexões com o tempo presente. Ao contrário, o conhecimento informacional e histórico só será agregador, através da experiência. O olhar, o tato, o cheiro, são imprescindíveis para que uma experiência cultural desperte sensibilidades, como afirma Larossa:

“... a experiência é cada vez mais rara por falta de tempo. Tudo o que se passa, se passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera.” (LAROSSA, 2002, p.23)

em : <https://administradores.com.br/artigos/os-nao-lugares-e-a-transformacao-das-tuas-experiencias-em-mercadoria>.

A experiência é uma condição para que seja possível ao docente se posicionar como protagonista de uma visitação. Este necessita se deslocar da posição de professor dentro do espaço escolar, mediador do conhecimento inteligível, para a condição de ser humano repleto de sensibilidades, dentro do espaço cultural, repleto de saber sensível, para que possa experimentar através dos sentidos, as mensagens implícitas e explícitas na produção cultural humana.

Outra questão a ser considerada, é a de que é preciso que os professores e professoras de história passem a “*desconfiar dos museus, para não sermos devorados por ideias, palavras e imagens*” (CHAGAS, 2004:8, apud MENEZES, 2017, p.270). Neste trabalho, considera-se o termo museu no sentido de objeto de memória, seja documental, arquitetônico, geográfico, ambiental. Pois como já dito, todo objeto de memória é carregado de sentidos e intencionalidades e por isso, o (a) docente de História deve ser capaz de refletir sobre as perspectivas temporais do que lhe é apresentado como símbolo de uma historicidade que lhe fora atribuída a partir de um determinado contexto único/passado.

Ou seja, o professor ou professora de História, deve criar novas perspectivas, tanto do objeto como signo (em seu sentido prático e estético – para que serviu, como foi usado) como de suas temporalidades (passado – quando foi, para quem foi, e o porquê) e o presente (por que foi escolhido como objeto de memória, por quem foi escolhido e qual a finalidade de se manter especificamente aquela memória sob aquela perspectiva). Deste modo, o (a) docente contribuirá para a ressignificação do objeto, convergindo perspectivas à realidade do próprio sujeito que o observa, suscitando deste modo reflexões a respeito da relação histórica do objeto com sua própria história de vida, o que ele representa para si e para a coletividade, e em que se associa com sua condição presente.

Considerando a condição docente nas literaturas pertinentes à área da Educação, o (a) professor (a) é aquele (a) que confere autonomia e protagonismo ao discente, “*o docente revolucionário*” (FREIRE, 2015), ou senão, aquele que reproduz a educação bancária perpetuando o sistema opressor que limita e desumaniza. Mas, analisando esta condição, vale ressaltar que a complexidade que envolve o educador em sua prática pedagógica, vai além da possibilidade solo de rompimento com o sistema linear e tradicional, se este é oprimido pelo próprio sistema que determina a formatação do processo de ensino.

É fato que o cotidiano escolar massivo, repetitivo e coordenado por planos de ensino lineares e tradicionais, somado a carga excessiva de trabalho docente, pode transformar a educação em um fardo, tanto para alunos quanto para professores. É fato também que a precarização do ensino, dificulta professores e professoras a terem contato com espaços culturais até mesmo por puro prazer ou entretenimento. Na realidade, muitos de nós (de acordo com informações adquiridas através dos colegas professores e professoras) frequentamos estes espaços somente quando participamos das programações culturais da escola, pois a escassez de tempo e condições financeiras desfavoráveis são realidade para a categoria.

Além do mais, o fomento às práticas culturais¹⁵ direcionado aos trabalhadores e trabalhadoras da educação, o que, aliás, é primordial para a formação integral do sujeito considerando as responsabilidades de um trabalhador da Educação quanto à formação de outros trabalhadores, não é comum por parte das redes. Na realidade, a impressão que se tem é que tanto a sociedade quanto os governos, acreditam que professores e professoras são seres atípicos, imbuídos de uma cultura inata e que se mantém ao longo de sua carreira, uma vez que são considerados o elo entre o aluno e a cultura. E ainda, segundo Teixeira, os docentes “*estão tematizados como sacerdotes, como uma segunda mãe...*” (TEIXEIRA, 2007), ou seja, tutores de jovens estudantes.

Ademais, quando se fala em qualidade de ensino, enumeram-se discussões e debates que tratam do desempenho dos profissionais em relação à realização de aulas diferenciadas, interativas e uma série de práticas sugeridas por especialistas da área, aconselhando programas de qualificação para aperfeiçoamento. Mas pouco se fala do professor como ser humano, também em fase de desenvolvimento uma vez que a aprendizagem é permanente.

Por outro lado, é necessário ressaltar que ocorreram transformações significativas às quais deslocaram o professor da posição de detentor do saber e o educando, apenas aquele que o recebe e absorve. Além disto, o desenvolvimento de tecnologias trouxe a disseminação massiva de informações em ambientes virtuais e assim, passaram a concorrer com a escola em relação à aprendizagem. Em consequência, surgiram reflexões importantes a respeito da renovação do papel do professor no ambiente escolar. Muitas delas, fundamentadas nas ideias de Paulo Freire (FREIRE, 1968) para uma educação sensível e conscientizadora, as quais evidenciam o aluno como um ser humano dotado de sensibilidades e carente de cuidados, muitas vezes, invisível para a escola em virtude de uma educação opressora, tecnicista. De certo modo, mesmo relacionando-se ao discente, esta literatura pode e deve ser aplicada ao docente, pois este como já dito, também necessita de cuidados e é dotado de sensibilidades ao passo que também se encontra em constante aprendizagem.

É do conhecimento que nos cursos de graduação para licenciatura nas diversas áreas didáticas pedagógicas, apesar da extensa ementa curricular, não há disciplina que trate especificamente da realidade de um (a) educador (a) em sala de aula. Somente quando o (a) profissional passa pelo estágio, é capaz de dimensionar a complexidade que envolve a profissão e a ausência de mecanismos e instrumentos básicos que o auxilie nesta jornada. Ao assumir sua condição docente, o sujeito passa a carregar consigo a enorme responsabilidade de mediador do conhecimento inteligível e ao mesmo tempo, recebe uma cobrança desproporcional por parte da comunidade e da rede, quanto à formação sensível do aluno. Quantas vezes, o docente desempenha o papel de psicólogo, orientador, amigo, confidente, assistente social, enfim, uma série de compromissos com

¹⁵Neste trabalho, prática cultural refere-se a programações que envolvam circuitos culturais, as quais tenham como motivação o lazer e entretenimento como forma de aquisição/ construção de conhecimento e saberes.

a vida do aluno, muito além daquele ao qual seu contrato de trabalho determinou? Na realidade, cobra-se do docente quase uma prática sacerdotal.

Além disto, existem propostas institucionais para o desenvolvimento de ações que obtenham maior êxito no desempenho de alunos e professores dentro do sistema de ensino. No entanto, na prática, a realidade é que, do ponto de vista das sensibilidades quanto às relações entre os envolvidos na prática educativa, há um pragmatismo dominante nos projetos também chamados de intervenções pedagógicas (propostas que buscam melhorar a dinâmica de ensino). Estas intervenções geralmente consideram que o desenvolvimento do aluno está condicionado ao conhecimento inteligível, o que leva o sistema a adotar sistematicamente a educação bancária novamente, submetendo-o à educação opressora, autômata e tecnicista, limitando deste modo a atuação do (a) educador (a), (FREIRE, 1968).

Logo, tais intervenções mostram-se ineficientes para alcançar a melhoria da qualidade da aprendizagem e ensino, pois termina por distanciar cada vez mais educador/aluno, das possibilidades de mediação/participação criativa, uma vez que lhes são negadas as possibilidades de vivenciar ou experimentar aquilo que se pretende mediar/aprender para a construção dos saberes.

Sob este aspecto, percebe-se que as conjunturas na área da Educação tendem a tornar o(a) educador (a) inerte, passivo e espectador das experiências escolares e das programações culturais. Ninguém melhor que o (a) próprio (a) profissional da área para compreender os inúmeros motivos que levam docentes a desistirem de sua profissão ou até mesmo adoecer em virtude da insatisfação gerada pela precarização da sua condição.

No entanto, são variados os estudos e pesquisas que buscam encontrar caminhos que facilitem a vida docente no que se refere a sua relação com o corpo discente e com a comunidade escolar de maneira geral. Considero como uma iniciativa contundente e que poderá transformar significativamente a prática docente de professores e professoras de História, a qual está proposta através das reflexões apresentadas neste trabalho, é que este assumo a posição do protagonismo docente, a partir de seu conhecimento, da sua experiência e saber sensível. Pois, considerando todos estes aspectos que envolvem o ofício do (a) educador (a), a realidade é que este deverá criar formas de se aprender e aplicar novas práticas pedagógicas que considerem a condição docente para além do aspecto profissional, ou como uma espécie de sacerdócio (TEIXEIRA, 2007). Pois *“estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las.”* (FREIRE, 1982), pois na prática pedagógica, o (a) educador (a) também estuda, também aprende.

Diante do exposto sobre a condição docente, deve haver um esforço por parte do profissional da educação no sentido de adotar iniciativas que sejam capazes de promover a ruptura desta educação bancária e a instituição de outras formas de educar: ou seja, a das sensibilidades. Aquela posta como obra de arte, na concepção freiriana. Um educar onde o protagonismo docente seja capaz de conferir autonomia para o discente para que este também possa se constituir por protagonista de sua própria história, diante da história contada. Um (a) professor (a) protagonista no sentido de compreender a dimensão de sua

própria humanidade em contextos tão desfavoráveis à Educação, para deste modo humanizar também o discente.

O (a) educador (a) precisa se encontrar e se estabelecer como humano, que ri, chora, se desespera, possui família, compromissos financeiros, dificuldades de organização do tempo, escassez de recursos e investimentos para estudos. Precisa, sobretudo, reflexionar através da sua humanidade os processos que constituíram sua própria história e relacioná-la com a história do outro (no caso discente) e situá-la na história coletiva. Assim, construirão juntos saberes que sejam capazes de revolucionar visões de mundo, compreender as diferenças (culturais) e as desigualdades (sociais) quanto se trata da construção do ser social. Porque apesar de todos os pesares, o (a) docente é capaz de se reinventar, suscitar potencialidades adormecidas e enfrentar desafios dos mais complexos. Afinal, somos seres construídos socialmente, através das interações com os outros e com os espaços em que frequentamos. Somos seres construídos por sensibilidades, as quais se manifestam de forma introspectiva ou expansiva, mas que evidenciam nossa perspectiva de mundo e suas representações em sociedade.

Se não houver a prática de interações em espaços além do nosso cotidiano, além da sala de aula, e que se limitam a família e trabalho, geralmente massivos e impositivos em virtude do mundo pós-moderno e toda sua dinâmica, nosso ser social tende a eximir o principal fator que nos torna humanos: a sensibilidade. Este fato pode transformar o indivíduo em um ser autômato, sem habilidades relacionais suficientes para estabelecer vínculos com seus pares em sociedade.

Na filosofia moderna, o idealismo transcendental kantiano, ao considerar que as múltiplas visões de mundo são influenciadas pelo meio e contexto histórico, este sinaliza que as experiências sensoriais são imprescindíveis para a formação do conhecimento inteligível. A partir dessa lógica, as sensibilidades também fazem parte da produção humana. Indo além, pode-se dizer que os sentidos ou o saber sensível complementam o conhecimento inteligível. E sob este aspecto, cultivar, valorar e preservar as sensibilidades é essencial para uma boa convivência coletiva. Pois o exercício do educador não é um sacerdócio e não é somente um meio de comunicação entre o educando e o conhecimento. É um ofício árduo, que demanda força e coragem para enfrentar as intempéries, é uma prática demasiadamente humanista que contribui de todo modo para a evolução do mundo através da evolução de si mesmo e de seus semelhantes. Por fim, reinventar-se, recriar-se como arte é tornar-se um docente protagonista.

“A teoria sem a prática vira ‘verbalismo’, assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”
Paulo Freire

Capítulo II

A docência em História e a educação para o patrimônio sob a perspectiva da partilha do sensível: O regime da estética¹⁶ na educação patrimonial.

No mundo moderno, a racionalidade ao buscar desconstruir o paradigma da religiosidade e das crenças, legou aos sujeitos o imperativo da inteligibilidade e da otimização, abrindo o caminho para uma espécie de “automatização” do ser humano. Esta dinâmica refletiu-se no mundo pós-moderno, o qual se constituiu em função dos interesses econômicos do contexto. Sob esta perspectiva, foram fortalecidos os polos binários de dominantes e dominados, fortes e fracos, ricos e pobres, analfabetos e letrados, os quais foram hierarquizados em forma de classes sociais, imersas em representações de mundo consideradas universais. Deste modo, a maioria dos sujeitos dependentes de conjunturas políticas, e que na maioria das vezes são desfavoráveis, acabaram por sobreviverem ao invés de viverem em sociedade, já que suas interações obedecem à dinâmica estabelecida por sistemas econômicos, sociais, relações produtivas e de consumo, (MARICATO, 2015).

Neste contexto, ser professor ou professora de História torna-se um desafio proporcional à responsabilidade que lhe confere o dever de narrar o passado em conexão com o presente de modo a promover uma formação que desenvolva cidadãos críticos e reflexivos, capazes de compreender toda esta dinâmica e questionar posicionamentos, valores e princípios estabelecidos e construídos historicamente. Para professores e professoras de História, não será suficiente o conhecimento oriundo da graduação. Igualmente, não serão suficientes as orientações constantes nas Leis de Diretrizes e bases da Educação, as quais organizam as práticas pedagógicas e orientam as “*tomadas de decisão curriculares em todos os níveis*” (GIL e PACIEVITCH, 2017, p. 125).

Portanto, a prática da docência em História não pode ser uma prática isolada, limitada ao livro didático e ao pincel. Há necessidade de se ultrapassar o limite da escola e conectar-se a outros espaços e que neste trabalho, refere-se especificamente ao patrimônio cultural, para que haja de fato um ensino agregador que promova a construção de saberes consistentes e condizentes com a realidade daqueles a quem se destina a aprendizagem, além de promover o conhecimento pautado na diversidade e na multiplicidade cultural e emancipação dos sujeitos, pois:

Não basta que os enunciados oficiais acolham a diversidade, é preciso transformar os tempos e espaços escolares para que a

¹⁶O regime da estética é um termo cunhado por Jaques Rancière, o qual o instituiu em substituição ao termo “modernidade”, o que tornou um novo paradigma ou nova concepção relacionada a estética da arte.

cultura da vida – e da vida de todos – seja parte das aprendizagens dos estudantes. (GIL e PACIEVITCH, 2017, p. 128)

Logo, (a) professor (a) de História, deve tomar a iniciativa de associar a docência em História à Educação patrimonial, pois deste modo estará mais próximo de uma educação multidisciplinar, transversal e plural, como determina as diretrizes para a formação integral, de modo que “*as pessoas se desenvolvam como cidadãs, ensinando e aprendendo conhecimentos e saberes que integram diversas formas de vida, tempos, espaços e ideias.*” (GIL e PACIEVITCH, 2017, p. 127).

Em se tratando da Rede Municipal de Belo Horizonte, como já dito, esta disponibiliza o programa denominado aulas passeio para alunos do ensino fundamental e Eja, o que neste caso, se constitui como oportunidade aos educadores da disciplina em promoverem uma prática docente que de fato alcance o objetivo da formação integral do indivíduo ou sujeito aluno.

No entanto, sabemos que professores e professoras de História na maioria das vezes, não acumulam habilidades além do que a ementa das graduações lhe confere, a não ser que tenha feito especializações na área da Educação Patrimonial ou cursos afins. Deste modo, educadores da área contam com o auxílio de mediadores ou educadores que possuem formação específica em Educação patrimonial e que geralmente, encontram-se disponíveis para as mediações em espaços de memória e outros espaços que demandam interlocutores capazes de promover o diálogo entre o sujeito/patrimônio visitado.

Assim sendo, é importante ressaltar que as reflexões que serão propostas neste capítulo, não têm a intenção de diminuir ou concorrer com o trabalho excepcional dos educadores patrimoniais os quais atuam de maneira impecável durante as visitas escolares que envolvem docentes em História e alunos do ensino fundamental. Ao contrário, o objetivo destas reflexões está em promover a inclusão dos professores e professoras de história na dinâmica da educação patrimonial, para que possam cada vez mais ensinar uma história que não se limite a narrativas somente, mas que promova diálogos entre o patrimônio histórico cultural e os sujeitos docente/discente, de maneira a alcançarem juntos, saberes sólidos adquiridos através da experiência oriunda destas relações.

Como ponto de partida, a proposta para que os professores e professoras de história possam utilizar-se do espaço de memória ou patrimônio cultural como mecanismo de interlocução entre o passado/presente, consideremos a partilha do sensível segundo Rancière, o qual reflexiona sobre o espaço *comum* e a forma como este se constitui historicamente a partir da dinâmica do poder e submissão, e do lugar que o sujeito ocupa enquanto parte da sociedade a partir das construções sociais que determinam o que e o porquê desta ou daquela posição social e sua participação em relação ao que se denomina por *comum*; e por fim, do direito que teria de participar e ocupar estes espaços comuns, se as práticas políticas observassem o mínimo de coerência com seus próprios discursos, como propõe Rancière:

A partilha do sensível é o sistema de evidências sensíveis que revela ao mesmo tempo a existência do comum e dos cortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, e ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços e tempos e tipos de atividades que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (RANCIERE, 2005, p.15)

Esta proposta de reflexão parte do princípio de que o patrimônio cultural é constituído de *evidências sensíveis* de um tempo histórico e narrativo do desenvolvimento humano. No entanto, não se limita a um tempo histórico somente, pois tais evidências são capazes de estabelecer diálogos em qualquer tempo, considerando que visitar um local de memória proporciona ao sujeito docente/discente a possibilidade de reflexionar sobre o lugar que seu grupo social ocupa naquela narrativa, o porquê de ocupar aquele espaço ou ao contrário, identificar a ausência deste e os motivos que conceberam esta ausência.

O espaço de memória, seja ele urbano, seja ele ambiental, é produto humano, é resultado de construções ou interferências humanas, o que permite ir além de contextualizações ou contemplações somente, posto que a humanidade se expressa continuamente e de variadas formas. Rancière ao mencionar a partilha do sensível como um mecanismo capaz de ir além do que se é exposto, evidencia como a história contada é capaz de tantas omissões e ao mesmo tempo, ser repleta de elementos que buscam justificar essas omissões, partindo de pressupostos de hierarquias que determinam a importância de um grupo em detrimento a outro grupo.

Tomando por base a visitação transcrita no capítulo anterior, a ausência dos trabalhadores braçais os quais levantaram os blocos imensos para a construção do Palácio da Liberdade estava explícita no vídeo assistido na sala de cinema, estava também em cada cômodo do palácio, em cada obra de arte, em cada placa de identificação do objeto de memória ali exposto. Uma ausência ou omissão explícita que, no entanto, não foi capaz de promover qualquer constrangimento ou estranhamento nos discentes, durante a narrativa clássica. Ao contrário, esta narrativa buscou enaltecer a comissão construtora, com engenheiros renomados e políticos que posteriormente cederam seus nomes às avenidas da Cidade. A narrativa clássica mencionou rapidamente sobre a lenda da “Maria Papuda” e não foi capaz de despertar a curiosidade do destino desta moradora após sua retirada do local, no momento de exposição do vídeo.

No entanto, a perspectiva de uma educação sensibilizadora foi capaz de despertar na docente a reflexão quanto a seu “não lugar” o que conseqüentemente, a fez despertar as sensibilidades e partilhá-las no sentido de dividir com seus alunos, despertando o criticismo nos discentes através de questionamentos os quais os possibilitaram a enxergar o patrimônio como um espaço comum de memória coletiva, porém fragmentada, hierarquizada, onde grupos dominantes determinaram quem faria parte desta memória e qual a importância de cada um dos sujeitos envolvidos na construção do Palácio. Ou seja, foram além da contemplação estética e a interpretação dos significados. Mergulharam

juntos em uma visitação para além do que estava exposto e aproximaram-se do invisível, de palavras de não ditas as quais ironicamente “gritavam” em cada cômodo do palácio, em cada quadro representacionista.

Esta habilidade do (a) docente em História precisa ser compartilhada como experiência e assim, influenciar outros profissionais a tomarem o posicionamento diante das visitas ao patrimônio, para que possam se constituir como protagonista e assim tornar-se elemento capaz de estabelecer tais conexões em consonância com a narrativa histórica posta, mas contrapondo as omissões, identificando na estética da arte constitutiva do conjunto do patrimônio as configurações sociais implícitas e explícitas sua dinâmica e a forma como foram concebidas, delimitando espaços de grupos em detrimento a outros grupos.

Retomando Rancière, este ao cunhar o termo “regime estético da arte” em substituição ao termo modernidade, nos faz reflexionar sobre a arte contida no patrimônio histórico a qual também se apresenta como elemento des/construtor de paradigmas, resultantes da dinâmica de uma era pautada na otimização, na racionalidade, no desenvolvimento, na ruptura com o passado considerado como atrasado e involutivo. O regime estético da arte de Rancière, por não se tratar de uma teoria da arte, mas sobre a autonomia da arte que “*identifica a arte no singular e desobriga essa arte de toda e qualquer regra específica, de toda hierarquia de temas, gêneros e artes*” (RANCIERE, 2005, p.33-34), permite ao professor e professora de História a utilizar-se da arte contida no patrimônio sob a perspectiva kantiana do sublime da arte, muito além da contemplação de sua estética, mas da estética como base da política na partilha do comum, ou seja:

“(…) como um sistema de formas a priori determinando o que se dá a sentir. É um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política, como forma de experiência.” (RANCIÈRE, 2002, pp.33-34):

O comum neste trabalho, dado como espaço de memória em sua perspectiva de elemento problematizador, personificado como legado histórico, mas que de algum modo, carrega em seus aspectos evidências das relações que se estabelecem para a concepção da sociedade numa perspectiva atemporal, posto que seja possível relacioná-las (as evidências) a qualquer tempo passado/ presente, já que essas evidências estão muito além de sua representatividade histórica ou política relacionadas a contextos específicos. Assim, a partilha do sensível associada ao constitutivo de um patrimônio ou espaço de memória, é capaz de:

(…) fazer ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade exerce. Assim, esta ou aquela “ocupação” define competências ou incompetências para o comum. Define o fato de ser ou não visível num espaço comum, dotado de uma palavra comum, etc.” (RANCIERE, 2002, P.16)

Vale ressaltar que esta perspectiva proposta para este trabalho, não se refere somente a espaços de memória institucionalizados ou percursos culturais promovidos pela rede. Considerando a abrangência do pensamento de Rancière quanto a partilha do sensível, todos os espaços são passíveis de se trabalhar como percursos de memória, como afirma o autor: “*uma superfície não é só uma composição geométrica de linhas. É uma forma de partilha do sensível*” (RANCIÈRE, 2002, p. 21). As ruas do bairro onde se situa a escola, os parques, as ruas da cidade, o prédio da prefeitura, todos os espaços comuns são locais repletos de evidências sensíveis possíveis de serem trabalhadas sob a perspectiva da partilha, tanto no sentido de dividir, quanto no sentido de fazer parte (RANCIÈRE, 2002). Dividir quando se considera a segregação destes espaços, evidentes nos limites impostos pela própria formulação das vias das cidades, da distância dos bairros em relação à capital, das características que determinam bairros “nobres” e bairros “periféricos” e que se expressam até mesmo nas fachadas das lojas. Segregação também evidente nas ausências de grandes lojas em determinadas regiões e em contrapartida, locais onde há concentração delas.

Por outro lado, partilhar no sentido de fazer parte, considerando a que grupos sociais o sujeito docente/discente fora atribuído nestas partilhas e o porquê de se estabelecer ali e por quem foi estabelecido. Os professores e professoras de História devem ter a sensibilidade de perceber o mecanismo que rege as diferenciações e que do mesmo modo, alimenta as diferenças em aspectos relacionais dentro de uma mesma sociedade, para que possa provocar reflexões mais próximas da realidade dos discentes.

São possibilidades infindáveis de se analisar percursos patrimoniais ou urbanos, ambientais ou sócios culturais, de modo que estes possam fundamentar a construção de novos saberes e ao mesmo tempo suscitar memórias coletivas.

Existe a tendência nas mediações em apresentar o comum de maneira igual, obedecendo uma lógica representativa dada, engessada, determinada. É a lógica do que se diz a partir do que se deseja mostrar. No entanto, existem relações invisíveis igualmente factíveis entre os elementos que compõem esta lógica representativa e estas relações entre esses elementos são capazes de subverter o comum, de “*destruir a hierarquia da representação*” através da “*subjeficação*” e da atribuição de sentidos (RANCIÈRE, 2002, p.19). Por isso, a mediação sensível é capaz de construir ou reconstruir a própria lógica representativa independente do contexto e dos significados atribuídos por historicidades. A mediação sensível, é uma mediação política e como afirma Rancière, “*essas políticas seguem sua lógica própria e repropõem seus serviços em épocas e contextos muito diferentes*” (RANCIÈRE, 2002, p.20).

Como exemplo, a escadaria do Palácio da Liberdade mencionada no primeiro capítulo, com toda sua beleza e suntuosidade, possui uma lógica representativa hierarquizada, onde a visibilidade do objeto e as palavras das narrativas durante a mediação, limitaram-se à estética e sua historicidade: “*...sic...uma escadaria vinda da Europa, da Bélgica, de estilo característico a art-nouveau, instalada em lugar de honra no palácio...*”. Na realidade, toda a arquitetura do palácio foi projetada em estilo europeu,

séculos XVIII e XIX. Um palácio para abrigar o governo do Estado de Minas Gerais, mas construído em estilo estrangeiro é que dá o tom à visita.

No entanto, reflexões como as que surgiram durante o percurso, evidenciaram a posição privilegiada que a arte e a cultura estrangeira ocupam no espaço de memória regional. Importância dada em um contexto específico, mas que possui uma “significação política” (RANCIÈRE, 2002). Sob este aspecto é possível compreender a perspectiva de Rancière a respeito do regime ético das imagens como forma de estetização da política:

“trata-se, nesse regime de saber no que o modo de ser das imagens concerne ao ethos à maneira de ser dos indivíduos e das coletividades” (RANCIÈRE, 2002, p.29)

Em outras palavras, considerando a “imagem” como o conjunto arquitetônico e especificamente a escadaria e o lugar em que ocupa (de destaque) no palácio, é possível através da reflexão crítica conceber o grupo social dominante naquele contexto, sua mentalidade e a hierarquia estabelecida. Ao escolherem como forma de representação a arquitetura vanguardista da Europa, sob a perspectiva dos avanços tecnológicos, do otimismo e da crença no progresso cosmopolita, desprezaram os aspectos regionais que de fato representariam o povo para quem se governa.

Em síntese, ao considerarmos a perspectiva do regime estético da arte como recurso teórico para a problematização do patrimônio enquanto arte/cultura representativa de contextos diversos, das historicidades e dos modos de ser e de se fazer da arte, será possível estabelecer novas relações com os objetos de memória. Relações estas que podem suscitar memórias silenciadas, demandas omitidas, ausências propositais, mentalidades dominantes e dinâmicas políticas que estabelecem hierarquias sociais, em perspectivas que inferiorizam grupos ou determina sua posição de subserviência na história, como afirma Rancière:

O regime estético das artes é antes de tudo um novo regime da relação com o antigo. De fato, ele transforma em princípio de artisticidade essa relação de expressão de um tempo e um estado de civilização que antes era considerara a parte não artística das obras”. (RANCIÈRE, 2002, p.36).

Ou seja, a parte não visível, não dita, não evidenciada, mas captada pela mediação sensível e partilhada.

Por fim, o professor e professora de História necessita ter contato com tais perspectivas, desenvolver sensibilidades e partilhá-las com seus alunos, para que juntos possam alcançar a emancipação necessária para uma construção social baseada no respeito, na igualdade e na dignidade humana.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Paulo Freire

Capítulo III

O processo de construção do Recurso Educativo partindo da perspectiva de uma docente de História diante de programações culturais: O web site “Diz aí, pessoa docente!” – uma ferramenta para potencializar as relações sensíveis com o patrimônio.

Início este capítulo com a afirmação de Sandra Pesavento:

Toda a experiência sensível do mundo, partilhada ou não, que exprima uma subjetividade ou uma sensibilidade partilhada, coletiva, deve se oferecer à leitura enquanto fonte, deve se objetivar em um registro que permita a apreensão dos seus significados. O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva. (PESAVENTO, 2005).

A autora no artigo a que se refere a citação acima, trata do desafio do historiador em buscar identificar *“as sensibilidades de um outro tempo e de um outro no tempo, fazendo o passado existir no presente”*. Assinala que para tanto, não basta o conhecimento adquirido sobre aquele tempo, mas é necessário desenvolver a alteridade como princípio sensível, identificando que as diferenças existem e que só existimos através delas, pois para uma sociedade se constituir, o outro (que é o diferente de si) é essencial. Aplicando esta lógica às relações que se estabelecem entre o sujeito e o patrimônio como objeto das representações sociais de outro tempo ou do tempo presente, o (a) professor (a) necessita despir-se de algum modo, da epistemologia que fundamenta historicamente o exercício docente e buscar no desenvolvimento das sensibilidades, o caminho para se alcançar de fato, saberes humanizados, os quais contraponham a racionalidade opressora que limita o ser e o reduz a um indivíduo (no sentido de individualidade) dentro de uma coletividade constituída pela diversidade em todos os aspectos humanos possíveis e que só se humaniza através da alteridade.

Logo, o compartilhamento de experiências baseadas na sensibilidade, como se propõe este trabalho, transformará a Web site em uma fonte de registro repleta de evidências sensíveis que serão materializadas em forma de relatos, imagens e novas perspectivas que vão além da objetividade ou da leitura de uma história pronta, contada e hierarquizada. Pois segundo Pesavento:

Às sensibilidades compete esta espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade, com os valores e os sentimentos, que

obedecem a outras lógicas e princípios que não os racionais.
(PESAVENTO,2005).

A perspectiva é que esta “fonte” (a web site), através dos relatos de experiências sensíveis, poderá potencializar iniciativas de outros colegas de profissão de modo a renovar didáticas de ensino relacionadas à Educação patrimonial. Como já dito, sabemos que o ensino clássico e conteudista, afeta sobretudo as relações entre o sujeito e patrimônio quando as mediações se tornam objetivas, e estas são capazes de promover a objetificação do patrimônio, geralmente tido “*como a transformação de uma ideia, de um conceito, ou de uma opinião em algo concreto*” (FRANCO, 2004, p.172). Esta prática tradicional acaba se impondo através de narrativas que só serão capazes de serem desconstruídas a partir da evocação de sensibilidades. Além disto, sobre a relação do sujeito com o objeto de memória, afirma Rússio “*a relação em si mesma significa “percepção” (emoção, razão), envolvimento (sensação, imagem, ideia), memória (sistematização das ideias e das imagens e suas relações).*” (RUSSIO, 1981, p.123). Ou seja, cada indivíduo dentro de uma coletividade, já possui bagagens que alimenta seu imaginário, suas representações de mundo e estas, se manifestam através das sensibilidades, não do saber cognitivo somente. Propiciar mediações que tratam desta relação do sujeito com o patrimônio, baseado em evidências sensíveis manifestas através de ambos (o patrimônio como símbolo, representação e memória documental) e o sujeito (como indivíduo, repleto de experiências e memórias sensíveis) contribuirá de maneira exponencial, para uma formação de fato humanizadora e mais próxima da realidade histórica dos sujeitos envolvidos neste processo.

Retomando a visita relatada no primeiro capítulo deste trabalho, quando uma aluna ao contemplar o lustre de uma das salas do palácio da Liberdade, afirma que se o vendesse, compraria uma casa para a mãe, nos fornece os indícios de que os objetos são capazes de incitar reflexões ou pensamentos para além do sentido metonímico (MENEZES, 2005), pois ainda segundo Costa (2017, p.100):

Também são múltiplas as formas de aprender e acessar o conhecimento histórico que mobilizam não somente a cognição como também a imaginação e sedução, o susto, o engajamento, dentre outros... (...) pensar o uso dos objetos nos museus, instituições que comunicam, antes de tudo ideias e pensamentos (...) (COSTA, 2017, p.100).

Ou seja, de maneira espontânea e sob uma mediação sensível, surgiram ideias e pensamentos concebidos ao reflexionar sobre sua condição de vida e o valor material de um objeto exposto como legado histórico e com uma lógica de representação objetiva, histórica e estética.

Sob este aspecto, é importante que mediadores de espaços de memória, bem como professores e professoras de história, trabalhem com a espontaneidade nas visitas, posto que as experiências ou a bagagem dos sujeitos, quando estes interagem com os objetos, são elementos capazes de desconstruir narrativas e perspectivas e construir outras simultaneamente. Pois, em uma mediação sensível, os sujeitos se tornam capazes de

confrontar o saber teórico, a narrativa dada, a objetividade dos símbolos e todos os aspectos que orientam a visita a um espaço cultural de narrativas clássicas, contrapondo-os com seus sentidos, suas percepções ou sua visão de mundo ou ainda, a posição em que se encontram naquela narrativa (de identificação, ou de total indiferença).

Podemos ainda relacionar a proposta da web site como espaço de compartilhamento de experiências, com a preocupação de pesquisadores em relação à práticas educativas que pautam-se no saber teórico, incutido como prioridade em relação à experiência, sendo que o primeiro na maioria das vezes, acaba por constituir-se como impedimento para aquisição de novos saberes, como afirma Garcia, ao se referir as certezas do saber teórico, a: (...) *Hoje, sabemos que a dúvida, a incerteza, a insegurança, a consciência do nosso ainda não saber, é que nos convida a investigar e investigando, podemos aprender algo que antes não sabíamos*". (GARCIA, 2003. P.16).

Ou seja, a partir da interação entre os professores e professoras e também com mediadores dos espaços de memória, realizadas a partir dos relatos das experiências que estarão disponibilizadas no web site, estes profissionais terão a possibilidade de aprender o que “não se sabe” posto que o conhecer é também movimento. A autora cita como exemplo, uma situação específica em um trabalho de campo, onde um aluno da classe primária do ensino fundamental, ao solicitar ao mesmo que interpretasse “cartões sugeridos por Emília Ferrero” (GARCIA, 2003, p. 16), respondeu com uma pergunta: “o que quer que eu diga?”

Em outras palavras, pesquisadores imbuídos do conhecimento teórico, os quais fundamentavam e orientavam o olhar observador em relação ao objeto de pesquisa (no caso o aluno) e sua relação com o objeto dado (o cartão), foram surpreendidos pela reação subjetiva e inquiridora da criança, demonstrando sob este aspecto que o objeto dado, sugerido por uma terceira pessoa, é possível de inúmeras interpretações ou leituras além daquela prevista. Uma resposta esperada, induzida por uma lógica inicialmente “neutra”, mas influenciada por interferências de outras leituras, formuladas por conhecimento teórico somente e negligenciando o fator experiência (neste caso, a vivência do aluno e suas perspectivas), ao ser substituída por pergunta como réplica, foi capaz de causar estranhamento e até certo constrangimento aos pesquisadores, como afirma a autora:

“Havíamos experimentado uma situação em que ficava claro o sem sentido da crença na neutralidade e na objetividade e ainda, que nossa perplexidade ante o ocorrido fosse portadora de teoria que dela não tínhamos conhecimento. A explicação teórica foi construída e encontrada pós facto (GARCIA, 2003, p. 17)

Assim sendo, ao relacionarmos a experiência vivida pela pesquisadora em seu trabalho de campo com a visita ao Palácio da Liberdade, relatada no primeiro capítulo deste trabalho, é possível concluir que o saber teórico sem sua forma clássica, hegemônica e imperativa, são insuficientes para produzir novos conhecimentos, pois encontram-se no limite das certezas, da objetividade, desprezando de certo modo os fenômenos sociais que

envolvem toda a dinâmica de uma sociedade, independentemente de sua temporalidade ou historicidade.

A experiência dos pesquisadores também pode ser relacionada com o conceito de patrimônio, considerando as várias perspectivas que o torna elemento de ampla concepção. Como já dito, o entorno de uma escola, a história da comunidade em que a mesma está estabelecida, um rio que corta o bairro, uma feira de artesanato em uma praça, tudo isto é possível de se conceber como patrimônio a partir das evidências que se manifestam através da memória histórica ou cultural do sujeito.

Assim como o patrimônio institucionalizado, oficial e arquitetônico, outros conceitos de patrimônio também podem ser explorados considerando que também foram constituídos por sociedades que em seu tempo, vislumbrava mundos a partir de óticas diferentes, mas que se mostram atemporais uma vez que são capazes de despertar no sujeito, reflexões acerca das dinâmicas estabelecidas em suas construções, as motivações, as finalidades e a participação de quais grupos e seus lugares ou “não lugares” nesta trajetória.

Em outras palavras, o saber clássico sobre o conceito de patrimônio, pode tornar-se também um impedimento para a construção de novos saberes, pois o patrimônio não se limita a representação de um tempo, registrado ou analisado sob a influência do saber teórico, mas são como ferramenta para compreensão dos sentidos de outros tempos, como afirma Carina Martins:

(...) Portanto, a partir da problematização do mundo de objetos invoca a possibilidade de compreender como eles nos fazem e nos representam, construindo subjetividades, como mediam as relações geracionais, temporais e afetivas, demarcando ou aproximando os processos identitários;(...) (COSTA, p.98, 2017):

Identitários neste aspecto, não no sentido de pertencimento, mas “*relacionada àquilo que alguém não é o Outro. [...] a identidade é concebida na e através da diferença.*’ [...]” (GEE, 1990, pp.43 e 46), ou seja, no sentido da diferença de visões de mundo, de perspectivas que se constituem através das experiências e que concebem representações sociais diversas, muitas vezes silenciadas por imposição da própria História como elemento mantenedor da memória de um tempo passado. Pois, como aponta Cavalcanti:

“[...] Como relacionar as construções de identidades com a questão das representações sociais? Afinal, as identidades construídas já foram discutidas. Como ficam as representações? Para os atores envolvidos nas interações transculturais, há representações diferentes de leituras, de escola, de visões de mundo, de Brasis, de crenças. [...]”

Outra questão que torna importante a utilização do Web Site como ferramenta potencializadora de novas experiências está no fato de que infelizmente, muitas destas

visitações acabam por tornarem-se únicas, retratadas em celulares ou na memória dos estudantes e dos professores e professoras. O que é uma lástima, pois como já dito, tais vivências devem ser compartilhadas em virtude do significado que produziram na vida acadêmica dos participantes e conseqüentemente na vida social dos sujeitos envolvidos e sua relação com o patrimônio.

Por isso é importante que haja um engajamento proposital por parte do docente de história, no sentido de utilizar-se dos mecanismos disponíveis, como aulas passeio e outros projetos culturais, para provocar estranhamento, produzir questionamentos, compreender o imperativo das relações que se estabelecem à sua própria revelia e que produz segregações das mais variadas, desde estereótipos a conceitos relacionais. E é também fora dos muros da escola, as maiores oportunidades de se experimentar as múltiplas realidades que se mantêm como figuras estáticas dentro dos livros didáticos! É fora dos muros que somos capazes de enxergar com mais clareza, a dinâmica das construções sociais.

Em virtude disto, acredita-se que o recurso educativo e sua utilização como espaço para intercâmbio de ideias, discussões, exposição de práticas de mediações culturais entre professores e professoras de História, especificamente, é, sobretudo, uma maneira de firmar o compromisso de seguir em frente, em meio à precarização, mas firme no propósito de conscientização e transformações para que de algum modo, possamos alcançar uma sociedade mais justa.

Segundo Nóvoa, referindo-se ao mundo pós-pandêmico e as transformações que inevitavelmente ocorrerão na Educação, “(...) há milhares de professores, experiências e realidades educativas que precisam ser pensadas, escritas e compartilhadas para criar uma nova realidade educativa (...)” (NÓVOA, 2021), o que ratifica deste modo a oportunidade aos docentes de inserir-se neste processo de transformação, como protagonistas, não apenas como meros espectadores. Deve replicar experiências, recriar sob a perspectiva freiriana da Educação como obra de arte.

Professores e professoras de História, especificamente neste contexto, devem se posicionar diante desta nova realidade educativa, no sentido de evidenciar as lacunas, as falácias, as releituras equivocadas construídas pelo excesso de informações e a dinâmica destas em relação as realidades concretas. Pois a forma como se estabelecem as interpretações da realidade, não podem partir de pressupostos simplistas, de realidades objetivas ou de perspectivas individuais, fundamentadas em moral religiosa, tradicional e familiar. É função do professor e da professora de história acompanhar o processo de transformação da educação no mundo pós-pandêmico, no sentido de sustentar as perspectivas coletivas que se formaram a partir de evidências sensíveis de um tempo, construído sob as ações de grupos históricos, formados por dominadores e dominados, mas, também de resistência à opressão e luta por justiça e o espaço devido na partilha do bem comum. E neste caso, refletidas no patrimônio histórico e cultural, na composição das cidades, nos objetos dos museus, nos traçados dos bairros e até mesmo no formato e organização da própria instituição Escola.

Retomando as possibilidades de ressignificação do patrimônio como elemento repleto de evidências sensíveis é que deve ser considerado pelo professor e professora de História, principalmente no mundo pós-pandêmico, deve-se considerar seu conceito sob a perspectiva deste enquanto resultado das relações de troca entre o sujeito e o espaço/manifestações que o cerca, gerando sensibilidades. Pois como já dito, o patrimônio não se limita a conceitos ocidentais clássicos ou contemporâneos, passíveis de tombamento, reconhecimento, registros ou inventários somente. Está muito além do que os olhos contemplam, pois tratam do sentir e partilhar. Sob este aspecto, não se tomba sensibilidades. Elas são resultado das percepções e leitura de mundo despertadas e consubstanciadas a partir da relação do sujeito com o entorno e das sensibilidades provocadas na relação com o objeto de memória. Essas sensibilidades partilhadas proporcionam o agir e poderão ser o fundamento para transformações necessárias, resultantes de reflexões a respeito da visão de mundo e suas representações como afirma Santos:

Afinal os seres humanos usam seus símbolos, sobretudo para agir, e não somente para se comunicar. O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. (SANTOS, 2003, p.27).

Para que se desenvolva a Educação para o Patrimônio na categoria do patrimônio sensível, é necessário promover deslocamentos do (a) sujeito (a) professor(a) no sentido amplo, de saberes e de sensibilidades, para que estes se tornem capazes de transverter suas percepções e representações de mundo, sejam elas éticas estéticas e sensíveis.

Mas, além de professores e professoras, os mediadores e mediadoras de espaços de memória institucionalizados, podem se beneficiar desse compartilhamento de experiências, uma vez que a interação através do web site, possibilitará o surgimento de discussões que se fazem necessárias para o aprimoramento das visitas naqueles espaços e deste modo, estabelecer um diálogo que promova uma construção coletiva a respeito dos objetivos que pautam os passeios culturais. Segundo os autores Oliveira e Prochnow (2017), sobre a possibilidade de diálogo entre mediadores e mediadoras de museus, através de questionários pós-visitação, direcionados aos visitantes, afirmam que:

As experiências relatadas por um grupo escolar após a visita, poderiam levar a equipe educativa a refletir sobre sua prática diária, reestruturando, sempre que necessário, o trabalho realizado. Neste sentido, seria maravilhoso que os professores se sentissem parte do museu a ponto de continuarem envolvidos com a sua proposta educativa, entendendo que a visita não encerra o seu vínculo com a instituição. No entanto, para isso, seriam necessárias ações específicas que proporcionassem a continuidade dessa parceria. (OLIVEIRA e PROCHNOW, 2017, p.197).

considerando que a interação no caso da web site, estará sendo realizada a partir dos relatos de visitas que de algum modo romperam a forma clássica (que se limita na maioria das vezes a contemplação dos objetos e dos espaços de memória), relatos estes transcritos pelos professores e professoras de história sob a perspectiva de uma educação

sensível, os mediadores e mediadoras terão a oportunidade de rever suas estratégias e estabelecer formas de relacionar os objetos expostos à realidade dos alunos, no que se refere a sua construção social e todos os outros aspectos constitutivos do ser social. Pois, “os objetos nos representam” (COSTA, 2017) no sentido subjetivo, implícito, não visível, independente do contexto histórico ou da historicidade do objeto:

Portanto, partir da problematização do mundo dos objetos, invoca a possibilidade de compreender como eles nos fazem e nos representam, construindo subjetividades; como mediam as relações geracionais, temporais e afetivas, demarcando ou aproximando os processos identitários; como internalizam e ou naturalizam relações econômicas pautadas na exploração e alienação do trabalho, em escala mundial, sem explicar a longa rede que perpassa a produção, a distribuição, a comercialização, a divulgação e o consumo. (COSTA, 2017, p.98).

Em resumo, compartilhar experiências sensíveis em um espaço onde os docentes possam apresentar e aprender sobre um novo conceito de patrimônio cultural aplicado ao cotidiano das comunidades em que atuam e à realidade dos sujeitos que a constitui, concatenadas através das sensibilidades oriundas das relações entre os sujeitos e seu espaço de convivência e sua produção cultural. Será uma forma de potencializar essas relações e conceber novas relações sensíveis entre o sujeito e o objeto de memória. Além disso, será possível compreender e identificar os variados símbolos, espaços, práticas cotidianas em que o sujeito de fato estabeleça a relação que lhe desperte sensores que o conduzam a compreender e reconhecer a importância dos saberes coletivos para a construção de outros saberes capazes de fazê-lo encontrar sua posição na história. Pois a cada experiência compartilhada através do Web Site, haverá a chance de aprender antes de ensinar, uma vez que estas experiências foram capazes de renovar conceitos, conceber novas visões de mundo e até mesmo, ratificar a vocação para o exercício docente.

A metodologia: explicativa ou observacional.

Para chegar à ideia de criar um espaço cibernético específico para a divulgação de projetos e relatos de visitas, considerei minha experiência como professora de História, ou seja, minha vivência com colegas. Foi possível observar as angústias quanto ao alcance de objetivos propostos para atividades extraclasse e que geralmente, dependiam de inúmeros fatores alheios a nossa dinâmica da prática educativa. Além disso, o fato de que muitos projetos bem sucedidos, acabam por serem registrados de forma individual, numa rede social ou nos arquivos pessoais do celular ou notebook, me fez refletir sobre a necessidade de publicizar esses momentos e relatar tais experiências para a rede e demais profissionais da área da educação para o patrimônio e mediações culturais.

Deste modo, ao ingressar no programa de Mestrado Profissional da FAE, vislumbrei a oportunidade de criar um recurso educativo que auxiliasse professores e

professoras de História, a divulgarem suas mediações, seus projetos e passeios culturais, de modo a influenciar também outros professores e professoras, para que de algum modo, este compartilhar alcance de fato uma dimensão mais significativa da prática educativa das redes em que atuamos.

Logo, a ideia de publicar relatos de visitas onde a sensibilidade, a espontaneidade, a intuição, enfim, a experiência de vida dos colegas professores e professoras, em conjunto com a experiência de vida dos alunos e que em consonância, estabelecessem conexões com os espaços de memória e objetos desses espaços, originando outras perspectivas, me faz acreditar que estarei contribuindo para o enriquecimento de práticas educativas relacionadas a educação para o Patrimônio.

O conhecimento adquirido através das disciplinas estudadas, as leituras dos artigos relacionados ao tema, a descoberta de outros conceitos a respeito do patrimônio e sua importância como elemento problematizador, encontra neste recurso educativo, a oportunidade de agregar também conhecimento aos pares e ainda, oportuniza-los a divulgarem seus trabalhos junto a rede, de forma a influenciar outros colegas a buscarem práticas educativas mais condizentes com a realidade das comunidades escolares em que atuam.

Para tanto, busquei publicar inicialmente, relatos de visitas onde protagonizei as mediações e que foi possível criar a conexão com o patrimônio de modo a ressignificá-lo. No primeiro capítulo deste trabalho, há o relato da visita ao Palácio da Liberdade e no web site, há outros relatos de visitas que de igual maneira, causaram impactos positivos de modo a incitar reflexões importantes a respeito da dinâmica da vida em sociedade.

No web site, na seção de relatos, a formatação visual segue um padrão, de modo a facilitar a leitura, ao mesmo tempo em que se observa as imagens oriundas dos passeios.

Tais imagens, por se tratar de passeio cultural promovido pela rede, já possuem autorização para divulgação, uma vez que é prerrogativa dos programas, antes das visitas, os alunos apresentarem termos de autorização de divulgação de imagens. É um meio de se publicizar as visitas no site dos circuitos e programas.

Outra possibilidade no web site, é da publicação das análises das visitas, feitas pelos próprios professores protagonistas. Deste modo, sua perspectiva pode ser conhecida, agregando ainda mais possibilidades de mediações interativas e baseadas na educação sensível.

Por fim, sem a pretensão de revolucionar práticas educativas relacionadas a educação para o patrimônio, mas ao contrário, aperfeiçoá-las de modo a alcançar melhores resultados nas programações culturais, considerando que a subjetividade sobreponha a objetividade destes passeios, espero contribuir de modo positivo através do web site enquanto recurso educativo voltado para a educação para o patrimônio e mediações sensíveis.

Capítulo IV

O recurso Educativo WEB SITE: Diz aí, pessoa docente!

1. Descrição geral do escopo

A proposta de desenvolvimento de uma plataforma digital (WEB SITE) como recurso educativo, surgiu em meio ao contexto da pandemia, tanto em virtude da necessidade do isolamento social como pelo fato dos (as) profissionais da educação terem que se adaptar às tecnologias disponíveis para que pudessem dar sequência ao trabalho docente. Além disso, possibilita a interação através de outros recursos, da divulgação das experiências em programações culturais e outros espaços dentro da plataforma que proporcionarão oportunidades para se repensar e propor novas estratégias de ensino e mediações para programas ou projetos culturais. Sem dúvida, será uma ferramenta muito importante para que se consiga alcançar o objetivo a que se propõe este trabalho de mestrado.

2. Arquitetura

Ao que se refere à arquitetura escolhida para ser utilizada no desenvolvimento do software, foi utilizada a plataforma para criação de sites gratuitos: wix.com. Esta plataforma é utilizada para construção de sites rápidos e intuitivos, com finalidades diversas desde simples comunicação à exposição de produtos e interação comercial. Os templates têm a estrutura clara, otimizada e de fácil acesso através de páginas vinculadas. As opções de design são personalizadas de acordo com o objetivo a que se propõe a página.

3 Requisitos funcionais

Plataforma livre, gratuita. Suporte por 24 horas, em sete idiomas.

4 -Template de telas – link de acesso ao site:

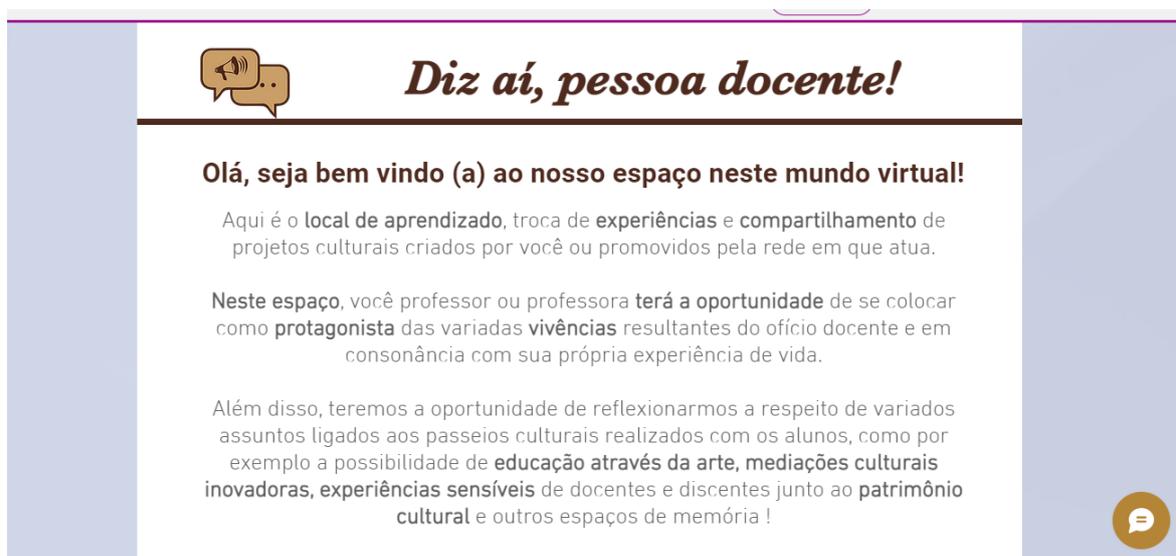
5 www.dizaipessoadocente.wixsite.com/oficial

INÍCIO:

“Rosto do site ou mapa do site”, onde constam as páginas de acesso e assuntos relacionados: *Início – Sobre – Artigos – Fórum – Depoimentos - Contato*



Nesta página, possui a mensagem de “boas-vindas” onde o professor ou professora terá acesso ao clicar no botão “ver mais”, conforme a seguir:



Diz aí, pessoa docente!

Olá, seja bem vindo (a) ao nosso espaço neste mundo virtual!

Aqui é o local de aprendizado, troca de experiências e compartilhamento de projetos culturais criados por você ou promovidos pela rede em que atua.

Neste espaço, você professor ou professora terá a oportunidade de se colocar como protagonista das variadas vivências resultantes do ofício docente e em consonância com sua própria experiência de vida.

Além disso, teremos a oportunidade de reflexionarmos a respeito de variados assuntos ligados aos passeios culturais realizados com os alunos, como por exemplo a possibilidade de educação através da arte, mediações culturais inovadoras, experiências sensíveis de docentes e discentes junto ao patrimônio cultural e outros espaços de memória !

Sobre: Descrição da autoria e objetivo da plataforma.



Diz aí, pessoa docente!

INÍCIO SOBRE ARTIGOS FÓRUM DEPOIMENTOS CONTATO

QUEM SOMOS

Somos professores e professoras de História das redes públicas Municipal de Belo Horizonte e Estadual de Minas Gerais. Decidimos criar um espaço virtual para que possamos compartilhar nossas experiências em relação às visitas ao patrimônio histórico cultural. Ninguém melhor do que nós, professores e professoras, conhece as intempéries ou os obstáculos inerentes à nossa profissão em relação ao processo de desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Mas também temos consciência da importância de nossa papel na sociedade e a que



Artigos: esta seção está destinada a publicação de artigos para pesquisa relacionadas aos temas Educação para o Patrimônio, Educação sensível. Estes artigos estarão disponíveis para Dowland:



Diz aí, pessoa docente!

[INÍCIO](#)[SOBRE](#)[ARTIGOS](#)[FÓRUM](#)[DEPOIMENTOS](#)[CONTATO](#)

Artigos e links para pesquisas ...

Abaixo você encontrará diversos artigos relacionados a Educação para o patrimônio, sob a perspectiva da Educação sensível e sensibilidades partilhadas . Caso você desejar nos enviar um artigo de sua autoria, este também poderá ser publicado nesta seção do nosso site. Envie-nos seguindo as regras da ABNT, juntamente à sua qualificação e uma foto para publicação. Participe! Divulgue seus trabalhos conosco!

Larossa - Experiência e o Saber da Experiência

Ranciére - A partilha do sensível



Fórum: Nesta seção, os professores e professoras poderão publicar temas para debate, relacionados a sua experiência com as visitas ou sobre suas perspectivas a respeito destas experiências.



Diz aí, pessoa docente!

[INÍCIO](#)[SOBRE](#)[ARTIGOS](#)[FÓRUM](#)[DEPOIMENTOS](#)[CONTATO](#)

Fórum

🔍

Fórum

Bem-vindo. Conheça o fórum e junte-se às discussões.

[Criar um novo post](#)



Depoimentos: Nesta seção, os professores e professoras terão a oportunidade de relatar sua experiência com o site.



Diz aí, pessoa docente!

INÍCIO

SOBRE

ARTIGOS

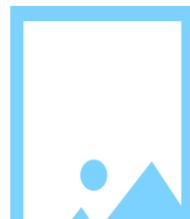
FÓRUM

DEPOIMENTOS

CONTATO

Conte pra gente sua experiência com o site :

Esta seção do nosso site está destinada a **depoimentos dos colegas docentes**, no que se refere a experiência resultante do uso do site. Aqui, você poderá nos contar um pouco sobre em que o conteúdo deste contribuiu para a sua prática educativa, seja você professor, professora ou mediador e mediadora de espaços de memória. Contamos com seu depoimento para aprimorarmos ainda mais nosso conteúdo e deste modo, auxiliá-los em práticas inovadoras e principalmente, no compartilhamento destas práticas. Envie-nos através do email dizaipessoadocente@gmail.com.



Contato: Nesta seção, os meios de contato e divulgação



Diz aí, pessoa docente!

INÍCIO

SOBRE

ARTIGOS

FÓRUM

DEPOIMENTOS

CONTATO

CONTATE-NOS

Telefone

Tel: (31) 99318-0996

E-mail

dizaipessoadocente@gmail.com

Redes Sociais



ENVIE UMA MENSAGEM

Nome

Sobrenome



ENVIE UMA MENSAGEM

Nome	Sobrenome
Exemplo: Carla	Lima
<hr/>	
Email *	Telefone
Exemplo: mail@exemplo.com	Exemplo: (11) 3456-7890
<hr/>	
Mensagem	
<input type="text" value="Digite sua mensagem aqui"/>	
<hr/>	
Enviar	



Links de acesso a outros espaços do site: ao rolar a barra para baixo, o usuário terá outros links de acesso, com textos relacionados a Educação para o patrimônio e Educação sensível.

compartilhamos experiências baseadas na Educação sensível, partindo da relação do sujeito em conexão o Patrimônio...

Mediações Sensíveis	Outras Perspectivas	Relatos compartilhados	Educação e os saberes coletivos
Mediações conduzidas pela Educação sensível: professores e professoras repletos de sensibilidades	Novos conceitos aplicáveis ao uso patrimônio...	Envie-nos seus relatos para: ecompartilhá-los com nossos pares!	A importância dos saberes coletivos para a construção do conhecimento...
Leia mais...	Leia mais...	Leia mais...	Leia mais...



Mediações sensíveis, outras perspectivas, relatos compartilhados e saberes coletivos : abre link na mesma página, através do botão “ler mais”



Diz aí, pessoa docente!

Mediações conduzidas pela Educação sensível: professores e professoras repletos de sensibilidades

O (a) educador (a) precisa se encontrar e se estabelecer como humano, que ri, chora, se desespera, possui família, compromissos financeiros, dificuldades de organização do tempo, escassez de recursos e investimentos para estudos. Precisa, sobretudo, reflexionar através da sua humanidade os processos que constituíram sua própria história e relacioná-la com a história do outro (no caso discente) e situá-la na história coletiva.

Assim, construirão juntos saberes que sejam capazes de revolucionar visões de mundo, compreender as diferenças (culturais) e as desigualdades (sociais) quanto se trata da construção do ser social. Porque apesar de todos os pesares, o (a) docente é capaz de se reinventar, suscitar potencialidades adormecidas e enfrentar desafios dos mais complexos. Afinal, somos seres construídos socialmente, através das interações com os outros e com os espaços em que frequentamos. **Somos seres construídos por sensibilidades**, as quais se manifestam de forma



Diz aí, pessoa docente!

INÍCIO

SOBRE

ARTIGOS

FÓRUM

DEPOIMENTOS

CONTATO

Outras perspectivas sobre o conceito de patrimônio...

Todos os espaços são possíveis de se trabalhar como percursos de memória, como afirma Ranciére, o filósofo francês, ao referir-se a espaços e superfícies sob a perspectiva do sensível: *“uma superfície não é só uma composição geométrica de linhas. É uma forma de partilha do sensível”* (RANCIÈRE, 2002, p. 21).

As ruas do bairro onde se situa a escola, os parques, as ruas da cidade, o prédio da prefeitura, todos os **espaços comuns são locais repletos de evidências sensíveis possíveis de serem trabalhadas sob a perspectiva da partilha**, tanto no *sentido de dividir*, quanto no *sentido de fazer parte* (RANCIÈRE, 2002). Dividir quando se considera a segregação destes espaços, evidentes nos limites impostos pela própria formulação das vias das cidades, da distância dos bairros em relação à capital, das características que determinam bairros “nobres” e bairros “periféricos” e que se expressam até mesmo nas fachadas das lojas. Segregação também evidente nas ausências de grandes lojas em determinadas regiões e em





Diz aí, pessoa docente!

Envie-nos seus relatos de projetos culturais para que possamos compartilhá-los com nossos pares!

Compartilhar experiências que se fundamentam nas sensibilidades partilhadas, torna possível que o professor e a professora de História, compreendam que o entorno de uma escola, a história da comunidade em que a mesma está estabelecida, um rio que corta o bairro, uma feira de artesanato em uma praça, tudo isto é possível de se conceber como patrimônio a partir das evidências que se manifestam através da memória histórica ou cultural do sujeito. Assim como o patrimônio institucionalizado, oficial e arquitetônico, outros conceitos de patrimônio também devem ser explorados sob outras perspectivas, considerando que também foram constituídos por sociedades que em seu tempo, vislumbrava mundos a partir de óticas diferentes, mas que se mostram atemporais uma vez que são capazes de despertar no sujeito, reflexões acerca das dinâmicas estabelecidas em suas construções, as motivações, as finalidades e a participação de quais grupos e seus lugares ou "não lugares" nesta trajetória. Pois o patrimônio, não se limita a representação de um tempo, mas são como ferramenta para compreensão dos sentidos de outros



Diz aí, pessoa docente!

INICIO

SOBRE

ARTIGOS

FÓRUM

DEPOIMENTOS

CONTATO

A educação e os saberes coletivos

Nosso objetivo é compartilhar experiências sensíveis em um espaço onde os docentes possam apresentar novos conceitos acerca do patrimônio cultural aplicado ao cotidiano das comunidades em que atuam e à realidade dos sujeitos que a constitui, concatenadas através das sensibilidades oriundas das relações entre os sujeitos e seu espaço de convivência e sua produção cultural. Será uma forma de potencializar essas relações e conceber novas relações sensíveis entre o sujeito e o objeto de memória.

Além disso, auxiliar na compreensão e identificação dos variados símbolos, espaços e práticas cotidianas em que o sujeito de fato estabeleça uma conexão com o patrimônio de modo que lhe desperte sensores que o conduzam a compreender e reconhecer a importância dos saberes coletivos para a construção de outros saberes capazes de fazê-lo encontrar sua posição na história.



Chamadas sobre assuntos relacionados a Educação para o patrimônio: Esta seção poderá ser renovada de tempos em tempos, com artigos relacionados. O acesso é através do botão “ler mais”.

SOBRE OUTRAS PERSPECTIVA E NOVOS CONCEITOS...

A conexão entre o sujeito e o objeto/espaco de memória para uma experiência sensível relacionada a Educação para o patrimônio...



O que é Patrimônio Histórico Cultural para você, professor ou professora de História?



Quais as suas perspectivas para um mundo pós pandêmico, quanto a prática educativas relacionadas ao patrimônio



Relatos: esta seção é para divulgação dos projetos e relatos dos professores e professoras. O acesso se dá através do botão “ler mais’

RELATOS DE PRÁTICAS EDUCATIVAS RELACIONADAS AO PATRIMÔNIO: mediações sensíveis, ressignificação do patrimônio e projetos educativos...

O Sujeito e o Patrimônio em conexão...



O formato dos relatos: Seguirá um padrão, proporcionando a leitura do relato, concomitante a observação da imagem relacionada.



Diz aí, pessoa docente!

INÍCIO

SOBRE

ARTIGOS

FÓRUM

DEPOIMENTOS

CONTATO

Visita ao palácio...relato de uma experiência sensível

Esta visitação refere-se a um projeto cultural promovido pela Rede Municipal de Belo Horizonte, em parceria com o IEPHA/MG[1] e com a APPA - Arte e Cultura[2], denominado Receptivo e Educativo da Visitação Pública, realizado no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte. Segundo a presidente do IEPHA-MG, Michele Arroyo, "este é um projeto piloto que buscou, além da reabertura do espaço para a comunidade, preparar o professor para se envolver na visita como protagonista e proponente de reflexões."

[1]IEPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais é uma fundação sem fins lucrativos, em parceria com o Estado de Minas Gerais.
[2]APPA - Arte e Cultura Popular é uma Associação Cultural de Belo Horizonte, sem fins lucrativos, com objetivo de promover o desenvolvimento cultural e socioeconômico das comunidades locais.

Segue o relato:

"Ao descermos do ônibus da excursão, de imediato mediadores extremamente educados e preparados, nos conduziram a uma espécie de tenda, alocada nos jardins. Fizeram uma exposição rápida dos atrativos, além de demonstrar o estilo arquitetônico e a origem das ideias que definiram os contornos das construções. A partir de então, **os mediadores deram-me total autonomia na condução da visitação**, o que até então era novidade nos passeios culturais promovidos pelas redes de ensino. Mas, mesmo conferindo-me esta autonomia, havia uma mediadora para dar apoio e responder questionamentos específicos que fugissem ao meu conhecimento prévio.

Ao descermos do ônibus da excursão, de imediato mediadores extremamente educados e preparados, nos conduziram a uma espécie de tenda, alocada nos jardins. Fizeram uma exposição rápida dos atrativos, além de demonstrar o estilo arquitetônico e a origem das ideias que definiram os contornos das construções. A partir de então, **os mediadores deram-me total autonomia na condução da visitação**, o que até então era novidade nos passeios culturais promovidos pelas redes de ensino. Mas, mesmo conferindo-me esta autonomia, havia uma mediadora para dar apoio e responder questionamentos específicos que fugissem ao meu conhecimento prévio.

Em continuidade à visitação, adentramos os jardins do palácio e foi possível perceber os olhares perplexos diante de tanta beleza, organização e limpeza. Os alunos, um pouco tímidos e desconfiados em virtude da guarita da Polícia Militar já na entrada, se colocaram a observar atentamente a suntuosidade das construções. Era possível ouvir expressões como "nossa...", "meu deus que lindo!", "pra que isso tudo?", "olha o jardim...!". Atenta na medida do possível a tais expressões, iniciamos a visitação pela sala de cinema. Nela, após a acomodação dos alunos, foi passado um vídeo no qual relatava à fundação da cidade de Belo Horizonte, a escolha do espaço para a construção do palácio, os panoramas das paisagens, as tendências arquitetônicas, os atores envolvidos nas construções (a "comissão construtora") e uma série de outras informações que tratavam da ocupação do monumento por políticos. Além disto, comentaram rapidamente sobre as manifestações históricas que levaram grande público à Praça da Liberdade, como o ato contra o nazismo durante a Segunda Guerra Mundial.



Entrada lateral do Palácio
Imagem do Acervo Pessoal / 2017

Ao final do relato, o professor ou professora poderá divulgar também uma análise a respeito da visitação. O acesso será através do botão "ler mais".



Uma análise sobre a visitação, a partir da perspectiva de uma professora de História

Ler mais...

A autoria do relato, ficará ao final da página, bem como a foto e a formação acadêmica do professor ou professora.

Sobre a autora :



Marcia Fernandes da Cunha, é professora de História da Rede pública Municipal de Belo Horizonte e Estadual de Minas Gerais. É licenciada em História pela UNIUBE, especialista em História e Cultura Africana e Mestranda do Programa Mestrado Profissional em Educação e Docência, oferecido pela FAE - UFMG - na Linha de Pesquisa Educação em Museus e Divulgação Científica.

[f](#) [i](#) [t](#) [l](#) [v](#) [d](#)

Conte-nos o seu relato: chamada para divulgação de relatos ou projetos culturais

Este site foi desenvolvido com o construtor de sites **WIX.com**. Crie seu site hoje. [Comece já](#)

Resignificando o patrimônio. [Use este espaço para se apresentar e contar sua história profissional.](#)



CONTE-NOS SEU RELATO!

Publique o seu relato de experiência sensível em relação a educação para o patrimônio....

[Enviar](#)

Mapa do site: com marcador de visitas, política de privacidade, sugestões e críticas, links de referência e biografia da autora do site. Acesso através de link.



[Enviar](#)

Mapa do site

- [Início](#)
- [Sobre](#)
- [Artigos](#)
- [Fórum](#)
- [Depoimentos](#)
- [Contato](#)

[Links e referências](#)

[Sugestões e Críticas](#)

[Autora do site](#)

Contador de Visitas

0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 6 | 9

[Acesse a Política do site](#)

© 2023 por Nome do Site. Orgulhosamente criado com Wix.com

Capítulo V

Cronograma de Implantação do web Site e conteúdo

V.I – Cronograma

Descrição da atividade	Período (previsto)
Criação do site	Março, abril, maio, junho, julho 2021
Alimentação da base dados, figuras, textos, vídeos, portfólio.	Agosto, setembro, outubro, de 2021.
Liberação do site para uso público	Novembro de 2021

V.II – Conteúdo do site:

O conteúdo do site será alimentado gradativamente, através da criação dos portfólios dos colaboradores interessados em divulgar e compartilhar seus trabalhos.

No que se refere à apresentação, haverá um texto de boas-vindas bem como informações a respeito do funcionamento do site, os critérios para cadastro e *login* e a finalidade da criação dos portfólios.

Haverá também um texto explicativo constando as normas de utilização do web site, com aceite e de acordo com a política de utilização da página, conforme a seguir:

Texto de boas-vindas:

“Olá, seja bem-vindo (a) ao nosso espaço neste mundo virtual”!

Aqui é o local de aprendizado, troca de experiências e compartilhamento de projetos culturais criados por você ou

promovidos pela rede em que atua.

Neste espaço, você professor ou professora terá oportunidade de se colocar como protagonista das variadas vivências resultantes do ofício docente e em consonância com sua própria experiência de vida.

Além disso, teremos a oportunidade de reflexionarmos a respeito de variados assuntos ligados aos passeios culturais realizados com os alunos, como por exemplo a possibilidade de educação através da arte, mediações culturais inovadoras, experiências sensíveis de docentes e discentes junto ao patrimônio cultural e outros!

Descobriremos juntos novas perspectivas a respeito do conceito de patrimônio bem como espaços alternativos para percursos patrimoniais.

Construiremos juntos novos saberes, humanizados e repletos de sensibilidades partilhadas!

É o sentir construindo saberes, a experiência de mãos dadas com o conhecimento e o protagonismo docente como fundamento para transformações significativas no mundo da Educação!

Aproveite o espaço! É o nosso espaço! É para você professor e professora!

Mãos à obra: Diz aí, pessoa docente!!”

Informações a respeito do funcionamento do site:

- Este site foi criado com o objetivo de promover o compartilhamento de experiências advindas da fruição de espaços de memória ou patrimônios culturais, promovidos pelas redes de ensino em que (a) docente atua, como por exemplo, as aulas passeio promovidas pela rede municipal de Ensino de Belo Horizonte.
- Estas experiências não devem se limitar a passeios ou publicação de imagens somente, mas devem trazer consigo algo inovador, que a torne diferenciada em relação a outros passeios ou programas culturais.
- Esta inovação relaciona-se com experiências sensíveis, ou seja, aquelas oriundas da relação do sujeito com o patrimônio e que vai muito além da contemplação de sua estética e historicidade, mas da relação deste com os processos de construção social e do seu lugar na história de vida do sujeito aluno e deste no processo de construção da sociedade a qual pertence.
- As experiências podem ser compartilhadas em formato de relatos, dissertação, vídeo, transcrições ou como o docente melhor conceber a divulgação destas.
- Para tanto, será criado o portfólio individual, no qual poderá postar as imagens e outros recursos que melhor lhe aprouver. No portfólio, o (a) docente terá espaço para apresentar sua formação acadêmica, suas especialidades e carreira profissional, bem como uma foto de perfil.
- Ressalta-se que para divulgação de imagens de terceiros, o (a) docente deverá atentar-se para a legislação quanto a preservação da imagem e da identidade da criança ou do adolescente, sendo que neste aspecto, a divulgação sem prévia autorização dos (as) responsáveis pelo (a) menor, o ônus incidirá sobre quem a divulgar, no caso, o (a) docente, eximindo-se a web site de quaisquer transtornos legais.
- O mesmo se aplica a vídeos de divulgação com imagens de menores sem a autorização prévia dos responsáveis.

- O (a) docente poderá disponibilizar para seus pares, seus projetos, roteiros culturais, percursos culturais, caso tenha interesse, de modo a preservar sua autoria.

VIII – Política de Privacidade:

1. Não é interesse deste web site a coleta de informações de dados dos usuários, além daqueles informados para cadastro.
2. Este web site será utilizado por pessoas maiores de dezoito anos, pois está voltada para docentes de redes públicas e ou particulares.
3. Nosso site coleta e utiliza alguns dados pessoais do usuário somente para cadastro e utilização do web site.
4. A coleta destes dados ocorre no momento do cadastro para fornecimento de login, e se dará por Nome completo, Idade, Profissão, Graduação e outras especializações acadêmicas.
5. O web site pedirá uma foto para o perfil do Portfólio.
6. Todas as atividades de tratamento de dados pessoais possuem uma base legal que as fundamenta, dentre as permitidas pela legislação. Quaisquer informações a respeito poderão ser adquiridas através do canal de contato que estará na apresentação do web site, direcionado a autora da página.

XIX – Outras considerações:

Artigos a respeito da perspectiva da Educação sensível farão parte da área documental do web site, sob o formato de link.

Estarão disponíveis no web site outros links de acessos a bibliografia pertinentes à educação para o Patrimônio sob a perspectiva da Educação Sensível.

Considerações Finais

O contexto atual é complexo no que se refere a todos os aspectos da vida humana. Em relação à Educação, pode-se afirmar que várias transformações ocorreram e terão sequência na medida em que a pandemia for cedendo. O retorno ao cotidiano escolar ocorrerá gradativamente e a experiência do que pode ser chamado de catástrofe mundial, dada à quantidade de vidas perdidas, será um fator de extrema importância no processo ensino aprendizagem.

São contextos como este, que marcam a existência humana, assim como marcaram o pós-revolução industrial, o pós-guerra, o pós-moderno. Agora teremos o pós-pandêmico. Por mais que saibamos que existiram outras pandemias e o que elas promoveram no mundo, esta é contemporânea. Experimentamos e vivenciamos diariamente suas consequências. Cabe aos professores e professoras de História principalmente, utilizarem desta vivência para construir novas visões de mundo, a partir de saberes que priorizem a humanização dos sujeitos em contrapartida sua vulnerabilidade diante de um sistema que oprime, que segrega, que invisibiliza em nome da importância que lhe é atribuída diante da dinâmica do mundo capitalista.

No contexto da pandemia, nós, docentes e discentes, fomos obrigados a sair da escola por um tempo muito longo e de motivações muito diferentes das férias ou recessos. Fomos obrigados a fechar os portões e esperar em casa o momento de voltarmos para o lugar que para nós, professores, desde que assumimos nosso ofício, é o nosso lugar referência.

Tivemos que nos reinventar. Não no sentido profissional, pois o ofício docente é um desafio constante e aquele que conserva um método ou uma forma de educar, sucumbirá ao ostracismo em meio à multidão de alunos e às transformações do mundo. Desta vez, tivemos que nos reinventar como seres humanos!

Nós professores, reclamamos muito das nossas condições de trabalho, é fato. Afinal, somos desvalorizados pelos governos e também por parte da sociedade. E Creio que muitos não têm ainda a noção exata da importância deste ofício e como ele se fundamenta na humanização para a formação integral do indivíduo. Mas ainda sim, os professores e professoras devem ter a consciência de que este ofício é tão importante quanto nossa própria vida e a daqueles a quem o destinamos. Porque nosso trabalho reflete sobremaneira no que somos e no que desejamos para o mundo.

Somos forjados nas sensibilidades, no conhecimento, no intercâmbio de emoções. Nosso ofício vai muito além de técnicas e não se fundamenta em cálculos ou em conhecimento pragmático. Trabalhamos diretamente com a mente e o coração das pessoas. Coração no sentido de sensibilidades para a formação de caráter. No reconhecimento de nossas limitações e na busca por superações. Trabalhamos a socialização do indivíduo, a preparação para o mundo dinâmico, onde há milhares de possibilidades e ao mesmo tempo, cheio de regras e limitações impostas, que só podem ser superadas através das forças sociais. Forças que se constituem a partir do

conhecimento deste mundo e que se constrói a partir da escola. A partir da consciência de si e do que este mundo representa.

Trabalhamos com visões de mundo, e quando estas são nocivas, tratamos de iluminar a mente com o reconhecimento das diferenças para extinguir a indiferenças. Trabalhamos para construir e manter o que há de mais importante dentro de uma sociedade: a alteridade, a empatia e o respeito, exatamente nesta ordem. É a pandemia tenta nos enfraquecer. Tenta nos subjugar e nos fazer acreditar que o contato humano não é insubstituível. Não é verdade. O contato humano, a convivência social construtiva, não é substituível. Não há rede virtual, nem programas que possam fazer nosso trabalho. Não há possibilidade de humanizar o conhecimento, sem o ser humano.

No entanto, precisamos de um mecanismo que nos permita nos encontrarmos, compartilharmos nossas experiências, intercambiar nossas ideias que muitas vezes se esconde no fundo de um armário ou na pasta de fotos do nosso celular. É por isso que devemos colocar a tecnologia a nosso favor e promover um espaço no mundo virtual que vá muito além de redes sociais (cheias de intenções mercadológicas), mas que seja um referencial de ideias, de reflexões, de experiências sensíveis em plena era digital! Um espaço que emane nossa voz, nossos pensamentos e ações como docentes que somos! Um espaço que se fundamente nas relações sensíveis, muito além do conhecimento cognitivo, para a construção dos saberes.

Por fim, espero que com este trabalho, possa contribuir com os colegas professores e professoras de História, de modo que se sintam mais próximos uns dos outros, mais cúmplices nesta jornada e principalmente, que possamos trocar experiências profundas, reflexivas e que tragam de fato saberes que possam promover estranhamento, curiosidade, consciência de classe, humanização, alteridade, empatia, sensibilidade e uma série de outros aspectos necessários e urgentes para este mundo cada vez mais segregador e desumanizado

Referências Bibliográficas

ABREU, Regina, CHAGAS, Mário, (ORGS) Memória e Patrimônio, Ensaios contemporâneos, Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

CAIRES, Luiza, Núcleo de estudos dos marcadores sociais: “Marcadores sociais das diferenças são um campo de estudo das ciências sociais que tentam explicar como são constituídas socialmente as desigualdades e hierarquias entre as pessoas”. USP [online], janeiro 2010.

CAVALCANTI, Marilda C. Um evento de letramento como cenário de construção de identidades sociais. In: COX, Maria Inês Pagliarini; ASSI-PETERSON, Ana Antônia de (Orgs.) Cenas de sala de aula Campinas: Mercado de Letras, 2001. (p.106 e 121).

CHAGAS, Mário de Souza, Museologia em tempos de Pandemia, novas perspectivas, Museologia e Direitos Humanos, 18ª semana Nacional de Museus, maio/2020, CCJF, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xlS_ELsfC0w&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0hv pACZ4Xgp3fYuHtYo6KI541II2bOn-KIzx-GVXg-5mx223w5at5Wlh8

COSTA, Carina Martins, Patrimônio no Plural, Educação Cidades e Mediações, A poesia das coisas no ensino de História: Exercícios de sensibilização, 1º Ed., Belo Horizonte, Editora Fino Traço, p.98, 2017.

DUARTE, João Francisco, Fórum Educação das sensibilidades: Educação estética e reflexividade, horizontes outros na formação do docente, maio/2015, Centro de convenção Unicamp, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=71Mn5SYdJxs>

FERNANDES, Marcia, Uma visita à escola em plena pandemia: reflexões sobre o nosso lugar, Revista Ponte, <http://www.revistaponte.org>, 25 de março de 2021

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra (6ª edição), pp. 09-12.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura)

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria and ASSUNCAO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educ. Pesqui.* [online]. 2005, vol.31, n.2, pp.189-199. ISSN 1517-9702. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200003>.

LAROSSA, JORGE BONDÍA, Notas sobre Experiência e o saber de Experiência, Universidade de Barcelona, Espanha, Tradução de João Wanderley Geraldi, Universidade Estadual de Campinas, [online], 2002, nº19, <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>

LEONE, Eugenia Troncoso / GORI, Alexandre/Maia / BALTAR, Paulo Eduardo, *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 19, n. 1 (38), p. 60, abr. 2010.

MALTEZ, Camila Rodrigues et. al. Educação e patrimônio: o papel da escola na preservação e valorização do patrimônio cultural. *Pedagogia em ação*, Belo Horizonte, V.2, n2, p.1-117, novembro 2010, semestral, disponível em: http://www4.pucminas.br/graduacao/cursos/arquivos/ARE_ARQ_REVIS_ELETR20121204110023.pdf

NÓVOA, A. *Profissão professor*. Porto: Ed. Porto, 2003.

NÓVOA, Antônio, *Aprendizagem precisa considerar o sentir*; <https://revistaeducacao.com.br/2021/06/25/antonio-novoa-aprendizagem-sentir/?fbclid=IwAR2ND2jDrkHUxTFQmJ-WtGyyvVVp0zcb0gFyH55puwcNxZbBA5vtgHDr-oE>, 25 de junho de 2021.

OLIVEIRA, OLIVEIRA, *Ensaios Filosóficos, Volume XIX – julho/2019*

RANCIERE, Jaques, *A comunidade Estética*, 2002, p. 171, Tradução: André Gracindo e Ivana Grehs, Publicado originalmente em: Ouellet, P. (2002, org.). *Politique de la parole*. Montréal: *Trait d'Union*. p. 167-184. Disponível em http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis17/Poesis_17_TRAD_Comunidade.pdf

RANCIERE, Jaques, *A partilha do sensível*, 1ª Edição, Rio de Janeiro, Editora 34 Ltda, 2005, p.

RIBEIRO FILHO, Geraldo Browne; PEREIRA DE DEUS, Maria Alba; SILVA, Maristela Siolari da; ALBRECHT, Clarissa Ferreira; SOARES, Josarlete Magalhães; BRAZ, Zoleni Lamim., Título - *EDUCAÇÃO URBANA: CONSTRUINDO CIDADANIA E SOCIABILIDADE EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE MINAS GERAIS, BRASIL*
RÚSSIO, W. *A interdisciplinaridade em Museologia*. In BRUNO, M. C. O. (Org.).

Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, v.1. p.123-126, 2006.

SIMAN, Lana Mara de Castro, MIRANDA, Sônia Regina, (ORGS), *Patrimônio no Plural, Educação, Cidade e Mediações*, 1º ed., Belo Horizonte.MG, Fino Traço Editora, 2017

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. *Da condição docente: primeiras aproximações teóricas*. *Educação e Sociedade*, v. 28, n. 99, 2007.